



Ministério da Educação
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA COMO MEDIADORA, FRENTE À
VIOLÊNCIA, EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE
SANTA MARIA-DF.

Eduardo Neves de Oliveira

Professor-orientador MsC. Antônio Fávero Sobrinho
Professora monitora-orientadora Mestre Sandra Regina Santana Costa

Brasília (DF), Junho de 2013.

Eduardo Neves de Oliveira

A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA COMO MEDIADORA, FRENTE À
VIOLÊNCIA, EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE
SANTA MARIA-DF.

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação do Professor-orientador MsC. Antônio Fávero Sobrinho e da Professora monitora-orientadora Mestre Sandra Regina Santana Costa

TERMO DE APROVAÇÃO

Eduardo Neves de Oliveira

A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA COMO MEDIADORA, FRENTE À
VIOLÊNCIA, EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE
SANTA MARIA-DF.

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Prof^ª. MsC. Sandra Regina Santana Costa
Secretaria de Estado de Educação do DF e Instituto de
Psicologia da Universidade de Brasília
(Tutora-Orientadora)

Prof^º. MsC. Antônio Fávero
Sobrinho
Universidade de Brasília
(Professor-orientador)

Prof^ª. Dra. Norma Lucia Neris Queiroz
Secretaria de Estado de Educação do DF e Universidade de Brasília
(Examinadora externa)

Brasília, 18 de abril de 2013.

DEDICATÓRIA

Dedico esta conquista a Deus que me permitiu chegar até o presente momento firme em suas promessas e meu deu forças para persistir mesmo quando a dúvida surgia.

Aos meus pais, pelo amor e exemplo.

À minha esposa, pelo amor e dedicação.

À minha filha, pelo carinho e por ser meu bem mais precioso...

A todos os familiares e amigos, pela força.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus porque me abençoou em toda a minha trajetória acadêmica, e me permitiu chegar até este momento tão especial, carregando-me nos braços quando mais precisei. Meu eterno agradecimento.

Agradeço a meus pais o exemplo, pois sempre me mostraram que a honestidade é o caminho da felicidade, em especial a minha mãe que, durante todos esses anos da graduação, sempre me ajudou e me incentivou com palavras de ânimo. Meu sincero agradecimento.

Agradeço imensamente, do fundo meu coração, a minha esposa Denise Neves, que tão bondosamente me ajudou em todos os sentidos durante a construção dessa monografia, com palavras de incentivo, suas opiniões e a compreensão diante de tantos afazeres. Meu sincero agradecimento. A minha fonte de inspiração, minha filha Maria Eduarda, que com sua inocência me dava força para persistir quando o desânimo tentava se aproximar. Agradeço sempre a Deus uma bênção tão grande, essa filha maravilhosa.

O meu agradecimento também a minha tutora do curso que contribuiu para a construção desta monografia.

A todos os colegas de plataforma, meu agradecimento.

Por fim, meu sincero agradecimento à maravilhosa orientadora Sandra Regina Santana Costa que, tão bondosamente e com seu profissionalismo, me orientou da melhor forma.

RESUMO

A pesquisa apresenta como tema, “A coordenação pedagógica como mediadora frente à violência em uma escola de Ensino Fundamental de Santa Maria-DF”. Tem como objetivo identificar como a violência pode interferir no desenvolvimento da juventude e qual o papel da coordenação pedagógica para amenizar esses conflitos. Este estudo tem enfoque qualitativo pautado em pesquisa bibliográfica e de campo fundamentada em vários autores, sendo que os que contribuíram de forma marcante foram: Abramovay (2001), Almeida (2006) e Nunes (2011). O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário para averiguar a relação que os alunos do oitavo e nono anos do Ensino Fundamental tiveram com a violência dentro da escola e nas proximidades. Com os resultados encontrados por meio da análise de dados, foi possível compreender quais os tipos de violência a que os jovens são mais expostos, os tipos de agressões mais comuns no interior da escola e nas proximidades e qual a responsabilidade do trabalho da coordenação pedagógica para minimizar ou erradicar essa violência. Conclui-se que é preciso trabalhar os relacionamentos interpessoais dentro da escola com a finalidade de restaurar a paz e assim transformá-la em um local melhor para desenvolver as práticas educacionais.

Palavras-chave: violência escolar, coordenação pedagógica, juventude.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – A presença das drogas no contexto escolar	21
TABELA 2 – Tipos de violência presenciados dentro ou nas proximidades da escola	24
TABELA 3 – Tipos de violência que contribuem para o desinteresse escolar	27
TABELA 4 – A violência tem incentivado a evasão escolar? Em caso afirmativo? Comente sua resposta	30
TABELA 4.1 – A violência e a questão da evasão escolar?	31
TABELA 5 – O apoio da coordenação pedagógica frente aos casos de violência escolar	33
TABELA 5.1 – O apoio da coordenação pedagógica aos professores frente aos casos de violência escolar envolvendo alunos.	34
TABELA 6 – Dentre os pontos abaixo, quais têm sido os mais desmotivadores às práticas educacionais?	37
TABELA 7 – Os projetos elaborados pela coordenação pedagógica têm sido suficientes para minimizar a violência escolar?	40
TABELA 8 – Como a Coordenação Pedagógica tem recebido o apoio dos pais frente à violência escolar?	42
TABELA 9 – Na sua experiência como coordenador pedagógico, você acha que a mediação de conflitos funciona? Em caso afirmativo ou negativo comente	44
TABELA 10 – Durante o processo da formação continuada com os educadores, quais os temas têm sido mais retratados pela coordenação pedagógica relacionada à violência escolar	46

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – A presença das drogas no contexto escolar	21
GRÁFICO 2 – Tipos de violência presenciados dentro ou nas proximidades da escola	24
GRÁFICO 3 – Tipos de violência que contribuem para o desinteresse escolar	27
GRÁFICO 4 – A violência e a questão da evasão escolar	30
GRÁFICO 5 – O apoio da coordenação pedagógica frente à violência escolar	33
GRÁFICO 6 – Dentre os pontos abaixo, quais têm sido os pontos desmotivadores às práticas educacionais	37
GRÁFICO 10 – O papel da, formação continuada para o enfrentamento da violência escolar	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I	
1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	03
1.1 - Breve histórico da Coordenação Pedagógica	03
1.2 - Um breve estudo da violência nas escolas	05
1.3 - A Coordenação Pedagógica e o trabalho de mediação	10
CAPÍTULO II	
2 - METODOLOGIAS DE PESQUISA	16
2.1 - Contexto da pesquisa	16
2.2 - Participantes do Estudo	17
2.3 - Instrumentos de Coleta de Dados	18
2.4 - Procedimentos de Coleta de Dados	18
2.5 - Procedimentos de Análise de dados	19
CAPÍTULO III	
3 - ANÁLISES DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE 1 QUESTIONÁRIOS A – ALUNOS	53
APÊNDICE 2 QUESTIONÁRIOS B – PROFESSORES	54
APÊNDICE 3 QUESTIONÁRIOS C – COORDENADORES PEDAGÓGICOS	55

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como discussão “A coordenação pedagógica como mediadora frente à violência em uma escola de Ensino Fundamental de Santa Maria-DF”. Para melhor entender a importância dessa mediação, é necessário identificar os desafios enfrentados por essa coordenação para solucionar esses conflitos e pôr fim à violência que interfere no desenvolvimento acadêmico dos alunos, identificando suas principais causas no ambiente escolar.

A violência que hoje cerca as escolas brasileiras faz com que a maioria dos jovens conviva com situações conflitantes e temerárias, que vão desde os relacionamentos familiares desestruturados até questões sociais envolvendo crimes e drogas, e afetam de forma direta ou indireta a vida de toda a população. Diante dessa realidade surgiu, então, o desejo de analisar as principais dificuldades encontradas pela Coordenação Pedagógica na hora de mediar os conflitos, que variam desde agressões físicas ou verbais, uso de entorpecentes e danos ao patrimônio dentre outros.

A escola, por meio de projetos de inclusão, vem trabalhando alunos envolvidos em diversos problemas de violência, muitos desses jovens são vítimas da sociedade, que acabam por levá-la para dentro da escola, o que tem reflexos na qualidade do ensino e aprendizado. Nessa perspectiva, é essencial levantar a seguinte pergunta de pesquisa: Qual a necessidade de uma coordenação pedagógica eficaz para mediar o combate à violência na escola?

Buscou-se desenvolver uma pesquisa de cunho qualitativo, descritivo e empírico. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário contendo dez perguntas fechadas e abertas aplicadas a cinquenta e quatro alunos do oitavo e nono anos. Contou-se com a participação de doze professores e quatro coordenadores pedagógicos do ensino fundamental. Autores como Abramovay (2002, 2004, 2005, 2006), Fernandes (2007), Tragtenberg (2012), Placco (2012), Fante (2005) e Nunes (2011), fundamentaram teoricamente este estudo.

Estabeleceu-se como objetivo geral, identificar como a Coordenação Pedagógica atua na mediação dos conflitos encontrados no ambiente escolar em um Centro de Ensino Fundamental situado na cidade de Santa Maria, Distrito Federal, com vistas a melhorar o trabalho docente e o desenvolvimento de práticas participativas solidárias envolvendo os sujeitos escolares e as relações entre os pares no ambiente educativo. Como objetivos

específicos: analisar os desafios da coordenação pedagógica frente à violência escolar; compreender como a violência pode interferir no relacionamento entre os pares dentro da escola e identificar as prováveis causas da violência que se manifestam no ambiente escolar.

A monografia apresenta-se em três capítulos, sendo que todos retratam a temática. No primeiro capítulo, apresenta-se o referencial teórico, com explanação sobre as principais funções da coordenação pedagógica nas escolas públicas e sua importância nesse contexto. Esse capítulo traz também um breve relato sobre o que é violência escolar e como a coordenação pedagógica tem trabalhado para diminuí-la ou erradicá-la. Esclarece ainda, a influência que os atos agressivos têm exercido na vida acadêmica da juventude, visto que muitos têm sido vítimas e autores dessa violência dentro e nas proximidades da escola,

O segundo capítulo aborda a metodologia de pesquisa e descreve a pesquisa qualitativa e como foi feita a coleta dos dados deste estudo, o que engloba o contexto da pesquisa, os participantes do estudo, os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos de coleta e análise dos dados.

No terceiro capítulo é desenvolvida a análise dos dados e discussão dos resultados, à luz dos pressupostos teóricos que embasaram este estudo. Essa parte do capítulo mostra os dados obtidos por meio de relatórios direcionados aos professores, alunos e coordenadores pedagógicos, com a finalidade de averiguar como eles estão expostos à violência escolar. Por meio de tabelas e gráficos, são apresentados os dados estatísticos que representam quantitativamente quais os percentuais dos tipos de violência mais praticados na escola onde foi desenvolvida pesquisa.

Nas considerações finais, estão dispostas as percepções de avaliação da coordenação pedagógica como mediadora da violência escolar, sob o olhar do pesquisador que realizou este estudo investigativo, cujas palavras iniciais são ditas agora: não podemos negar que, infelizmente, hoje em dia, a violência faz parte do ambiente escolar e muitos dos problemas encontrados são resolvidos pela Coordenação Pedagógica ou pelos professores, que deveriam estar prioritariamente na educação desses jovens. Em alguns casos, deixam de ser mediadores e passam a ser vítimas ou autores da violência, influenciando negativamente na aprendizagem dos alunos, no processo de ensino e no convívio harmonioso dentro da escola. Detectar essa violência é importante ao desenvolvimento dessa juventude, pois a escola tem como objetivo capacitá-los para a vida em sociedade.

CAPÍTULO I

1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 - BREVE HISTÓRICO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

A função de coordenador pedagógico nas escolas públicas e particulares nasceu da necessidade de melhoria e desenvolvimento do processo de gestão escolar, tendo como principal responsabilidade a de articular os diversos segmentos que compõem o processo educativo, como: professores, alunos, pais, direção e demais servidores das instituições de ensino. Neste sentido, Almeida (2001, p.19) afirma que: “O coordenador é apenas um dos atores que compõem o coletivo da escola. Para coordenar, direcionado suas ações para a transformação, precisa estar consciente de que seu trabalho não se dá isoladamente (...)”.

Partindo desse pressuposto, fica fácil ver a importância desse profissional dentro das instituições de ensino, porém com o desenvolvimento do processo educacional, a função de coordenador pedagógico deveria ter passado por um processo de evolução. “Principalmente com as reformas das décadas de 60, 80 e 90, com a criação de projetos, como Projeto Noturno da década de 80 e Projeto Escola Padrão da década de 90”. (FERNANDES, 2007).

O objetivo principal foi melhorar a qualidade do ensino da gestão escolar, trazer benefícios tecnológicos para a escola e ampliar as políticas pedagógicas. Com essas novas reformas, os pedagogos deveriam ser inseridos nesse processo, como intermediadores dos avanços na educação. Porém houve um retrocesso na evolução, e a função do pedagogo como coordenador pedagógico passou para o Professor Coordenador Pedagógico. Assim, professores de qualquer outra disciplina, eleitos pelos colegas poderiam exercer a função professor coordenador pedagógico.

A partir dessa nova reforma, houve uma série de problemas, causados principalmente pela falta de preparo acadêmico dos Professores Coordenadores Pedagógicos, para a função de coordenador pedagógico. De acordo com Fernandes (2007, p.6): “O isolamento dos professores coordenadores pedagógicos dificulta a superação de algumas dificuldades que são quase generalizadas entre os ocupantes da função, principalmente aquelas que se relacionam com a formação do PCP”.

No primeiro momento, a função do Professor Coordenador Pedagógico veio para democratizar o processo político educacional, dando mais liberdade aos professores que agora

tinham não um pedagogo, mas outro professor na função de coordenador pedagógico. Porém, com o tempo, ocorreu com a função de Professor Coordenador Pedagógico, o mesmo que ocorre com uma casa sem base adequada que começa a mostrar as primeiras rachaduras. E os problemas foram inúmeros. Professores coordenadores pedagógicos de escolas públicas acumulando funções que não eram as de sua responsabilidade, tornaram-se estressados, em função do desvio de função. Enquanto isso, nas escolas particulares, onde a função de coordenador pedagógico era (e ainda é) exercida pelo pedagogo, havia uma sobrecarga de funções, e esse profissional muitas vezes tinha que, além de exercer sua função, ir para a sala de aula, na falta de um professor.

Um questionamento importante a ser feito é, porque a função de coordenador pedagógico exercido pelo pedagogo foi substituída pelos professores de outras disciplinas, já que o pedagogo era o profissional mais capacitado para essa função? A resposta está na gestão democrática, não a da escola, mas da política, que tinha outras intenções quando propôs tais mudanças. De acordo com Fernandes (2007), ela descreve que:

Posteriormente, a abertura política e as eleições diretas ocorridas em meados da década de 80 trouxeram novo ânimo à sociedade. Houve uma intensificação da atividade sindical, bem com das reivindicações por uma escola mais justa e democrática. Nesse sentido as políticas voltadas à educação procuraram apresentar-se de maneira mais aberta e democrática, criando novas possibilidades de organização e gestão escolar (FERNANDES, 2007, p.3).

O agente que mais exerce influência sobre o processo educativo são as políticas públicas mal aplicadas na educação, dando novas direções e caminhos ao desenvolvimento ao processo educativo. Outros agentes são: a comunidade escolar, o tráfico de drogas, o poder judiciário, o ministério público e outros. Esses agentes exercem uma influência muito poderosa sobre a instituição escolar, e alguns desses causam sérios problemas à organização do trabalho pedagógico. Especialmente a função de Coordenador Professor - extremamente necessária como mediador uma vez que, ao levar e trazer informações, estabelece ligações entre os agentes – ajuda a tornar a escola um lugar melhor para se desenvolver um trabalho de educação com qualidade.

Esse poder que o coordenador exerce, é sem dúvida muito importante, pois é por seu intermédio que se abrem possibilidades de qualificar o produto final, que é um ensino de qualidade. A questão é: como administrar tanta gente em um espaço inadequado, sem estrutura suficiente para o desenvolvimento de uma educação de qualidade, e onde falta quase tudo, como tem sido em muitas escolas públicas? Como disciplinar tanta gente, e ainda

manter uma vigilância permanente sobre esses alunos. Tragtenberg (2001, p.1) informa que: “A escola se constitui de um observatório político, um aparelho que permite o conhecimento e controle perpétuo de sua população”.

Mesmo dando uma afirmativa sobre o controle dessa população educacional, muitas atividades acontecem dentro da escola, sem que professores e coordenadores possam agir por que não ficam sabendo e quando sabem, muitas vezes, já é tarde demais. Como exemplos dessa fala poderiam ser citados: O tráfico de drogas que ocorre dentro de muitas escolas de ensino fundamental e ensino médio. Também existem violências veladas como: o bullying, a formação de gangues, o assédio sexual, pequenas violências, furtos, roubos que nem sempre são informados, às vezes por medo de represálias, ou por vergonha de que a situação se propague. Essa é a realidade que perpassa dentro de muitas instituições de ensino e que muitas vezes foge do controle da coordenação pedagógica, e as relações de poder muitas vezes se invertem.

O fenômeno da violência que cresce dentro das instituições de ensino poderia ser chamado de poder limitado, visto que a coordenação pedagógica não consegue reprimir todas as violências que acontecem dentro da escola, muitas vezes por falta de conhecimento delas, ou até por falta de mecanismos para enfrentar tal situação. Essas escolas são chamadas de escolas democráticas, e são responsáveis pela formação do futuro cidadão. Segundo Tragtenberg (2001, p.3): “Sem escola democrática não há regime democrático; portanto, a democratização da escola fundamental é urgente, pois ela forma o homem, o futuro cidadão”.

1.2 - UM BREVE ESTUDO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

A questão da violência nas escolas tem sido palco de debates e pesquisas por diversos intelectuais como: Abromovay (2004), Fante (2005) e Candau (1999) e muitos outros. Fala-se muito sobre as mudanças sociais que o mundo globalizado impõe à sociedade e isso se reflete na família e na escola, causando transformações comportamentais nos alunos. Justifica-se que os professores não têm preparo suficiente para combater a violência que tem se instalado nas escolas em geral.

No entanto, o que se vê são alunos cada vez mais em situação de risco e professores e coordenadores pedagógicos com poucos recursos para trabalhar com esses alunos, em função da falta de conhecimentos adequados para lidar com situações como: drogas, bullying, gangues e muitos outros. Será que os programas de capacitação oferecidos nas escolas nos

últimos anos têm discutido a violência escolar e a atuação tanto da coordenação pedagógica quanto dos professores, bem como uma ação a ser combatida por meios pedagógicos? É justamente por levantar esse questionamento que este estudo se justifica.

Acredita-se ainda que as contribuições oferecidas por esse tipo de pesquisa são enormes para a sociedade em razão do crescente número de queixas por parte dos educadores quanto à mudança brusca do comportamento dos estudantes. Infelizmente, observa-se que a violência escolar é um problema cada vez mais presente no cotidiano. Por essa razão, é necessário que se ampliem as discussões nessa área a fim de que se possa encontrar as causas do problema e atacá-lo com o objetivo de resguardar a integridade física e mental dos jovens. Dessa forma, teremos uma sociedade mais justa e saudável.

A violência escolar tem sido motivo de preocupação para a sociedade, inclusive a comunidade escolar, que tem tomado algumas atitudes para minimizar suas diversas consequências. Acredita-se que uma escola para ter uma qualidade de ensino esperada, terá que enfrentar esses desafios, que muitas vezes têm causado infortúnios ao ambiente escolar, prejudicando o ensino e a aprendizagem, como também a convivência harmoniosa entre os pares. Segundo as palavras de Abromovay (2006):

Uma escola de qualidade não pode ser acometida por problemas como a falta de segurança, o medo terror, a eclosão de graves conflitos e as incivildades de várias ordens, os quais deterioram o clima e as relações sociais, impedindo que a escola cumpra sua função (p. 56).

O aumento da violência nas escolas e suas implicações no clima escolar devem ser analisados a partir do contexto social, político, histórico e cultural de cada instituição. Compreender essa violência é importante para o desenvolvimento de projetos de inclusão social, com o objetivo de interferir no desenvolvimento da relação escola e aluno. Para isso é importante identificar as prováveis causas da violência que tem se manifestado no ambiente escolar.

Historicamente, o Brasil tem passado por grandes mudanças nas relações com a escola e com a juventude em geral. Em 1927 foi promulgado o primeiro código de menores, mas só em 1979 é que foi criada a figura do menor em situação irregular. Porém em 1990 nasceu o Estatuto da Criança e do Adolescente que diz que a criança deixa de ser vista como objeto de direito e passa a ser sujeito de direito e pessoa em desenvolvimento, quebrando os grilhões jurídicos do passado. De acordo com Silva (2011) a autora deixa claro que:

No contexto deste novo marco legal institucional, no auge da abertura política, o ECA (1990) foi debatido, escrito e promulgado no início da década de 1990, imediatamente após a promulgação da Constituição Federal de 1988, imediatamente após duas décadas de regime autoritário e quase 60 anos de tentativas de reformulação do Código de 1927 (SILVA et al, 2011, p.21).

Relatar esses pontos históricos é importante para entender os direitos e os deveres que as crianças e adolescentes têm dentro e fora da escola, e saber como esses direitos têm influenciado na diminuição da violência no interior da escola e em suas proximidades e em como a comunidade escolar e as autoridades têm visto essa violência. Silva (2011, p.90) afirma que: “Nesse sentido, é importante que o projeto de inserção do ECA na escola leva em conta os grandes e sérios problemas sociais tanto da escola quanto da família”.

O que vem a ser violência escolar? Antes de responder a essa pergunta é importante separar as palavras, violência e escola. Ao falar sobre violência escolar é necessário investigar o significado da terminologia violência, para dar continuidade ao trabalho de pesquisa, pois é um termo complexo, que pode conter vários significados. Em que Hayeck (2009) informa que:

A violência é considerada um fenômeno biopsicossocial, cuja complexidade dinâmica emerge na vida em sociedade, sendo que esta noção de violência não faz parte da natureza humana por não possuir raízes biológicas. Por isso, a compreensão desta leva à análise histórica, sociológica e antropológica, considerando as interfaces das questões sociais, morais, econômicas, psicológicas e institucionais (HAYECK 2009, p. 3 apud MINAYO, 1994).

Partindo desse pressuposto, a violência na escola pode ser considerada um fenômeno biopsicossocial, em que várias pessoas interagindo num mesmo ambiente acabam produzindo situações que podem trazer prejuízos para a integridade física e psicológica dos indivíduos que atuam sobre esse espaço, chamado escola. Dentro desse espaço existem vários grupos ou tribos atuando de formas diferentes, com pensamentos e atitudes contraditórias, mesmo tendo como conhecimento o principal objetivo.

A violência na escola é algo que tem preocupado muita gente, como: pais, professores, autoridades em geral e os próprios alunos, trazendo prejuízos ao processo educativo e à imagem da escola. Segundo Abramovay (2004, p.29): “São diferentes os tipos de violências que repercutem no processo de aprendizado do aluno e na imagem da instituição escolar como espaço de aprendizado e formação”. Que violências são essas que preocupam a todos? Essa pergunta é feita constantemente por várias pessoas de diferentes níveis sociais, culturais, religiosos, autoridades, e outros.

Para responder a esse questionamento, é importante estar inserido ao processo educativo, seja o professor, o coordenador pedagógico, o diretor ou até mesmo os alunos, pois existem violências que só quem está dentro do processo educativo consegue ver, que são as violências silenciosas, que ferem e diminuem a autoestima das vítimas, muitos sabem que elas existem de um modo geral, mas não as vivenciam. Outras violências que tem tomado as escolas são: o dano, a pichação, o porte de arma, o uso de entorpecentes, tráfico de drogas ilícitas, ameaça, lesão corporal, rixa, ato obsceno, corrupção de menores, atentado violento ao pudor, estupro, pedofilia e o Bullying.

Essa violência escolar relatada tem sido palco de várias obras acadêmicas sobre o assunto, porém o tema ainda não está desgastado, uma das preocupações principais além da integridade física é a autoestima dos alunos, vítimas constantes de ataques dos mais variados. Marriel (2004, p.45) diz que: “Ao longo do trabalho ficou evidente que alunos de baixa autoestima têm relacionamentos mais difíceis na escola, colocando-se mais frequentemente na posição de vítimas de violência”. Fica evidente nessa fala a importância de trabalhar a autoestima dos alunos vitimados pela violência, por isso o trabalho de um coordenador pedagógico capacitado se faz necessário.

É preciso atribuir a devida importância para a relação entre a baixa autoestima e as barbaridades ocorridas não só com os alunos vítimas de ataques mas também com os professores. Esses exemplos de abuso e de selvageria estão interferindo no relacionamento entre alunos e professores, trazendo prejuízos ao processo ensino/ aprendizagem, causando um ambiente desconfortável nas escolas, de forma a fazer com que alguns professores deixem a escola onde estão trabalhando e vão para outras, a fim de livrar-se dos problemas, que muitas vezes ficaram insustentáveis. Nesse sentido Abromovay (2002) relata que:

Pela percepção da relação de alunos e professores é possível analisar um aspecto importante das repercussões da violência para a vida estudantil, uma vez que se a violência extrema incidir negativamente na interação social entre alunos e professores, comprovar-se-á uma possível consequência maléfica da violência na escola (p.105).

A família exerce papel fundamental sobre o comportamento negativo e positivo dos alunos, muitos dos quais vítimas de situações violentas ou constrangedoras dentro de suas casas. Vários desses pais são usuários de drogas, traficantes, criminosos procurados pela justiça, pedófilos, estupradores, condenados pela justiça e muitos outros. Muitos desses alunos que estão expostos à violência doméstica, acabam reproduzindo essa violência dentro da escola, contra os seus pares, e muitas vezes contra os educadores. Abramovay (2005, p.15)

informa que: “A maneira como jovens e pais relacionam-se reflete no comportamento cotidiano e na vida de ambos”.

Os relacionamentos entre os alunos problemáticos é outro ponto que tem sido causa de problemas no ambiente escolar e na vida de muitos alunos. Alguns jovens têm sido facilmente aliciados pelo tráfico de drogas e instruídos a introduzir as drogas dentro da escola. Fazem-no com grande êxito, pois a legislação não pune o usuário apenas o traficante. Esses jovens levam consigo pequenas quantidades de drogas para as escolas, e quando são pegos, dizem que é para uso próprio. E isso tem sido um agravante no aumento da violência nas escolas, pois os alunos drogados ficam mais violentos, desinteressados pelos estudos e muitos acabam evadindo-se. Abramovay (2005) afirma que:

Considerando as interferências do meio social do qual faz parte, a escola aparece como um alvo potencial das ações dos traficantes, que podem ultrapassar os limites do muro escolar, tornando-as, segundo a expressão de Guimarães (1998), escolas sitiadas. O tráfico tem, muitas vezes, influência no cotidiano escolar, não somente rondando a escola, como afirma um segurança: Existem traficantes rondando a escola sim, mas também chegando a seu espaço interior (ABROMOVAY, 2005, p.94).

A influência da mídia na vida dos jovens também é notória, tem influenciado bastante. Porém o que se debate aqui é o aspecto negativo da sua influência. A pornografia e a violência nunca estiveram tão enraizadas na vida dos jovens como está agora. Muitos têm acesso a filmes pornográficos, violentos, revistas de adultos, games violentos e erotizados com fácil acesso no mercado negro, sem falar nos desenhos animados violentos, que passam até nos canais de televisão aberto. Até mesmo as novelas e os telejornais que parecem inofensivos estão carregados de erotização e violência, colocando os jovens em exposição constante aos mais variados tipos de cenas. Groebel (1998) explana que:

Na medida em que a violência real vem concomitantemente crescendo, especialmente entre a juventude, parece plausível estabelecer uma correlação entre a violência na mídia e o comportamento agressivo. Com os recursos mais recentes desenvolvidos pelos meios de comunicação, como o surgimento de videocassetes, jogos de computador e a Internet, pode-se verificar crescente aumento na quantidade de imagens violentas exibidas, que atraem, naturalmente, muito a atenção. Os vídeos apresentam cenas realistas de torturas, ou mesmo assassinatos reais; os jogos de computadores permitem ao usuário estimular, de forma ativa, a mutilação de "inimigos"; e a Internet – não obstante a possibilidade de sua utilização de forma positiva para a sociedade – torna-se uma plataforma para a pornografia infantil, o culto da violência e orientações terroristas (p.12-13).

Os jovens são influenciados por ações negativas que acontecem ao seu redor. Esse comportamento gera um desgaste familiar, rompendo laços importantes que poderiam afastá-

los das drogas, da pornografia e da violência. É importante ressaltar, qual a relevância do trabalho da coordenação pedagógica como mediadora dessa violência. O coordenador pedagógico (CP) tem que buscar apoio nas leis e normas que regem a vida dos jovens. É necessário que ela tenha base jurídica de sustentação, como meio de enfrentamento e combate à violência que a cerca. Essa base jurídica está no (ECA) Estatuto da Criança e do Adolescente. Silva (2011, p.71) certifica que: “É nessa direção que a entrada, o estudo e o uso do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) na escola se faz urgente. Para que essas instituições possa se repensar (...) uma educação que tem nos direitos humanos a sua mola propulsora”.

Partindo desse pressuposto, a escola atua como instituição acolhedora e protetora, que tem como função, além de educar, proteger os direitos da criança e do adolescente, proporcionando aos alunos um ambiente agradável, acolhedor, onde os alunos e os pais sintam-se protegidos. Trabalhar a mediação da violência sem levar em consideração o (ECA), seria inapropriado e perigoso, pois o coordenador pedagógico poderia incorrer em erros quanto à tomada de decisões e acabar por se complicar com a Lei, cometer algum abuso, contra crianças e adolescentes. Silva (2011, p.63) confirma que: “Mesmo num ambiente como o da Escola, instituição de origem moderna dedicada exclusivamente a esses grupos sociais, a entrada e disseminação do (ECA) ainda se faz muito incipiente”.

1.3 - A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E O TRABALHO DE MEDIAÇÃO

A escola, sem apoio não consegue intervir nas diversas situações de maus tratos contra crianças e adolescente. Sendo assim, existem outras instituições que auxiliam as atividades escolares e sevem como garantia dos direitos e deveres desses jovens, desenvolvendo, com a coordenação pedagógica, e auxiliando na mediação dos conflitos com eventuais consequências violentas nas instituições de ensino, seriam eles: o Conselho Tutelar, Juizado da Infância e da Juventude, Promotoria da Infância e da Juventude, o Batalhão Escolar, o Centro de Referência e Assistência Social, o Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas, o Centro de Orientação Socioeducativa, o Centro de referência Especializado de Assistência Social, a Delegacia da Criança e do Adolescente, a Delegacia de Proteção da Criança e do Adolescente, Conselho o Comunitário de Segurança Escolar, o Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente e outros.

A coordenação pedagógica não conseguiria mediar sozinha, sem apoio das instituições citadas. Elas funcionam como uma rede onde uma complementa a outra. Porém é importante destacar que, apesar de todas essas parcerias com a escola, ainda assim, o trabalho não é tão simples como parece. A partir desse pressuposto, o coordenador precisa entender que mediar é buscar parceiros até dentro da escola, para proporcionar aos alunos uma educação de qualidade; caso contrário, o trabalho de coordenação voltado para apaziguar os atos violentos está fadado ao fracasso. Silva (2011) afirma que:

Numa perspectiva democrática, em que a escola participa da rede educativa responsável pela formação cultural infanto-juvenil, o que se percebe é a existência de muitas dificuldades para efetivar o diálogo realmente necessário entre a instituição escolar e a comunidade (pais, responsáveis pelas crianças e adolescentes, conselhos tutelares e outros parceiros possíveis) (p.63)

Para o coordenador pedagógico mediar as atitudes violentas que existem dentro do ambiente escolar, é necessário levantar todos os dados possíveis sobre os diferentes tipos de violência que existem dentro da escola e na comunidade ao seu redor. Não existe escola sem conflitos, enquanto existirem pessoas atuando num mesmo espaço os conflitos continuarão existindo. Como comprova Chrispino (2007, p.23): “O conflito faz parte de nossa vida pessoal e está presente nas instituições”. Cabe ao coordenador pedagógico buscar soluções para minimizar os conflitos e resolver as violências que vão aparecendo.

Entender os diferentes tipos de violência que ocorrem ou que possam ocorrer dentro do ambiente escolar é vital ao processo de mediação. O coordenador deve saber, por exemplo, quais as drogas que estão sendo mais usadas pelos alunos, o que essas drogas provocam nas pessoas que as usam, para fazer uma intervenção mais apropriada e se preciso for propor um tratamento para esse aluno se for o caso, utilizando a rede de auxílio, formada por órgãos competentes para atuar no problema que cada aluno apresenta. Há alunos que deverão ser apresentados ao conselho tutelar, por serem vítimas de algum abuso, dentro e muitas vezes fora do ambiente escolar.

O coordenador poderá utilizar várias ferramentas para criar na escola uma cultura pacificadora, com a finalidade de diminuir as tensões existentes no meio escolar, elaborar projetos que trabalhe a não violência. Palestras com temas como: bullying, uso indevido de drogas, sexualidade, gangues e pichações, palestras aos pais de alunos, peças teatrais e outros, que possa mostrar aos alunos que a violência não compensa e pode trazer prejuízos incalculáveis para a vida de uma pessoa. Existem programas especiais chamados Cultura da

Paz, que têm como objetivo mostrar o lado bom da vida dos que se afastam da violência. De acordo com o Instituto de Tecnologia Social (2009):

A segunda dimensão da cultura da paz destaca sua enorme abrangência, uma vez que compreende todas as áreas da vida, desde o social, o político e o econômico, até as pequenas ações do cotidiano. Um bom exemplo é a educação: o diálogo e a não violência são importantes para mudar o jeito como a escola trata a diversidade cultural e étnica (p.38).

Para que o Coordenador Professor possa desenvolver um trabalho de qualidade é importante compreender a diferença entre violência e conflito escolar, esse entendimento será oportuno no momento de tomar decisões. A violência escolar é o ato praticado contra a natureza física ou psicológica de uma pessoa dentro do ambiente escolar. Já conflito é uma ação antissocial que gera desconforto ao convívio social. Existe uma linha tênue que separa o conflito e a violência escolar. Um exemplo de conflito seria a discussão verbal entre dois alunos que poderia gerar um ato violento. A atuação mediadora do coordenador pedagógico será fundamental para que se resolva a situação antes que se agrave. Todavia, isso não quer dizer que todo conflito se tornará um ato violento, ou que todo ato violento deverá preceder um conflito. Conforme o Instituto de Tecnologia Social (2009):

Geralmente, violência e conflito são entendidos como a mesma coisa, mas existem diferenças importantes entre essas duas palavras. Como vimos antes, a violência é o modo como respondemos a uma determinada situação, prejudicando e anulando a outra pessoa, ou quando somos anulados e prejudicados por outra pessoa. A violência não faz parte da natureza humana, mas é aprendida dentro de uma cultura violenta (p.42).

Quando o coordenador utiliza todos os meios para resolver os atos violentos no ambiente escolar e não há êxito, terá que buscar apoio nas instituições do governo, que trabalham com a escola, como a Polícia Militar, Conselho Tutelar, Ministério Público e Juizado da Infância e outros. Essas atitudes são tomadas quando todos os recursos de pacificação já foram desgastados e ou quando os direitos humanos foram violados. O coordenador pode e deve encaminhar os alunos conflitantes à delegacia ou os pais que se envolverem em casos violentos no ambiente escolar, sempre que necessário, evitando um mal maior.

O coordenador pedagógico terá que possuir algumas características importantes ao desenvolver o trabalho de mediação dos possíveis conflitos que possam gerar atos violentos no ambiente escolar, como por exemplo ser comunicativo, imparcial, sensível, ético, paciente, cooperativo, criativo, ter conhecimento básico da legislação brasileira e outros. Essas

características são importantes e sem tais requisitos o trabalho de mediação pode ficar prejudicado, podendo piorar a situação e levar a atos mais agressivos. É importante não haver quebra de confiança, entre o coordenador e os conflitantes, para não prejudicar a mediação e causar mais problemas ao ambiente escolar. O Instituto de Tecnologia Social (2009, p. 170) cita que: “É inevitável que o mediador desempenhe a função de líder entre as partes que participam da mediação, pois ele tem a função de facilitar o processo através do diálogo”.

Vale salientar que o mediador não é advogado, nem juiz, nem psicólogo, nem assistente social e entre outros. Ele é um educador na função de coordenador pedagógico, que tem como função, facilitar e melhorar o convívio no ambiente escolar, tornando a escola um lugar cada vez mais agradável, que possa proporcionar aos alunos ensino e aprendizado de qualidade. Não se pode atribuir uma carga muito grande de responsabilidades ao coordenador pedagógico, pois a sua função já é estressante por atuar com alunos, pais, professores, direção e outros. “O coordenador deve mostrar às partes que é possível solucionar um problema utilizando-se de uma linguagem mais construtiva e restaurativa, que é a linguagem do “eu” permitindo que as pessoas se expressem melhor” (NUNES, 2011, p.96).

Porém um bom coordenador será um ótimo mediador se trabalhar em uma instituição educativa onde possa desenvolver um trabalho pedagógico democrático e consciente, com apoio de toda a comunidade escolar. Promover uma convivência harmoniosa entre os integrantes de comunidade escolar, criar situações que possam facilitar o desenvolvimento do ensino e aprendizado dos educandos e educadores, dar aos alunos a oportunidade de aprender na escola a capacidade de conviver em sociedade de forma pacífica e solidária. Essas palavras se encaixam bem com as de Ceccon (2009) que:

Convidar toda a comunidade escolar a pensar e repensar o futuro desejado para a escola e, juntos, construir “escadas” para a realização desse sonho é uma forma poderosa que as lideranças têm de promover conexão por meio da participação efetiva em decisões cruciais, que interessam a todos (p.82)

O convívio na escola nem sempre é fácil, são muitos alunos em espaços muitas vezes pequenos e não apropriados, com culturas e gêneros diferentes. Muitos não gostam de regras, o que dificulta o processo educacional e o convívio dentro das instituições de ensino. “Em todas as escolas, há conflitos entre alunos ou entre eles e professores os chamados casos de indisciplina, que em geral, são encaminhados à direção, ou seja, ao diretor, vice-diretor ou coordenador pedagógico/professor coordenador” (NUNES, 2011, p.146).

Mas o que fazer nesses casos de conflitos? É importante compreender que a atuação de um profissional capacitado será muito importante para mediar quaisquer situações de violência que venham a existir no interior das instituições de ensino, mesmo os mais graves que precisem da atuação de outros agentes como: Polícia Militar, Conselho Tutelar, Ministério Público e outros. O CP não deve trabalhar de forma isolada; tem que utilizar os parceiros da escola para auxiliar e muitas vezes resolver os conflitos e atos de agressividade. “Ao implantar um Programa de Mediação de Conflitos, as escolas devem fazê-lo procurando responder de forma educativa, aos problemas de convivência, de disciplina e de violência.” (ELIAS, 2011, p. 62). Fica evidente que os programas de mediação de conflitos são indispensáveis para a convivência no ambiente escolar no que concerne a problemas relacionados aos casos de violência envolvendo alunos.

Como mostra Elias (2011, p. 66) em sua fala: “As medidas e estratégias pedagógicas para diminuir as ocorrências de bullying e educar para a convivência devem estar inseridas no conjunto de ações do Programa de Prevenção da Violência Elaborado pela escola.” O CP não pode deixar de utilizar as ferramentas que fazem parte de suas atribuições para enfrentar os conflitos no interior da escola como: o projeto político-pedagógico, o currículo, a avaliação e outros. Cabe a ele propor projetos contra a violência escolar em parceria com o corpo docente e discente, utilizando estratégias que venham conscientizar os alunos sobre os diversos problemas que os atos violentos podem causar em suas vidas, trazendo prejuízos incalculáveis.

A liderança escolar que deseja fortalecer o vínculo entre docentes e escola precisa abrir espaço para que os professores tenham a possibilidade de participar, expressando suas opiniões, seus pontos de vista e suas soluções. (CECCON, 2009, p. 83). A fala de Claudia Ceccon demonstra a importância do trabalho de Coordenação Pedagógica não só com os alunos, mas com os educadores, pois o CP não poderia trabalhar de forma isolada, seria inútil. É preciso envolver o corpo docente aos programas e projetos da escola, de forma que todos participem deliberadamente.

Antes de desenvolver quaisquer projetos, é essencial conhecer a comunidade escolar e os tipos de atividades que participam como: tipos de festas religiosas que os alunos mais frequentam músicas, danças, as drogas mais consumidas, problemas familiares mais comuns, nível socioeconômico, problemas de infraestrutura, saúde segurança, nível intelectual dos pais e outros. A partir dessa pesquisa, o CP poderá com mais facilidade desenvolver e propor projetos que venham de encontro às necessidades dos alunos e da comunidade em que vivem.

Responder a essas perguntas seria importante para tentar compreender a que tipo de violência ou não estão expostos os alunos e quais as medidas que devem ser tomadas. Uma maneira para fazer essa análise seria por meio de questionários aplicados aos alunos e pais. Não adianta fazer projetos vazios, que não esteja em sintonia com as necessidades dos alunos, eles não precisam apenas de faixas com frases bonitas, como existem em muitas escolas eles precisam de ideais que se enquadrem em suas realidades. Como afirma Schwebel, (2002, p. 24). “Mas as crianças precisam de mais do que um slogan. Precisam de modelos positivos.”

CAPÍTULO II

2 - METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo aborda-se como foi feita a coleta dos dados deste estudo, que engloba o contexto da pesquisa, os participantes do estudo, os instrumentos de coleta de dados, os procedimentos de coleta e análise dos dados que têm como cenário uma escola de Ensino Fundamental de Santa Maria-DF, que em meio à violência, vem buscando alternativas de como levar os alunos a conviverem melhor entre si, proporcionando um ambiente capaz de realizar as práticas educacionais, o convívio harmonioso entre os pares, fazendo da instituição uma formadora de pessoas capazes de viver em sociedade.

Este estudo de pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa. Segundo Lüdke e André (1986), essas abordagens têm o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como o principal instrumento. Portanto, “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, através do trabalho intensivo de campo” (1986, p.12).

2.1 - CONTEXTOS DA PESQUISA

A escola pesquisada é um Centro de Ensino Fundamental que está situado na cidade de Santa Maria - DF e atende alunos do Ensino Fundamental – séries iniciais do 6º ao 9º ano, nos turnos matutino e vespertino, cinco turmas de 8º ano, seis turmas de 7º ano e uma turma de Ensino Especial.

Na parte organizacional, conta-se com uma direção que está dentro do programa de gestão democrática administrada por uma diretora, uma vice-diretora, uma supervisora pedagógica, uma supervisora administrativa, uma equipe de dois coordenadores pedagógicos e dois coordenadores disciplinares, uma orientadora educacional, uma secretária, dois administrativos, 34 professores efetivos e nove temporários, dois porteiros, quatro vigilantes e dois copeiros.

Existe ainda o apoio de uma empresa terceirizada que presta o serviço de limpeza na escola, contendo oito funcionários divididos em dois turnos. A escola trabalha com um conselho escolar atuante, com a participação efetiva da comunidade escolar. A escola também desenvolve projetos governamentais que são: PDE – Plano de Desenvolvimento da Escola,

PDDE – Programa Dinheiro Direito na Escola. Todos estão previstos nos Projetos Político Pedagógicos da Escola.

2.2 - PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os sujeitos da presente pesquisa são doze professores, quatro coordenadores pedagógicos e cinquenta e quatro alunos das turmas do 8º e do 9º anos vespertinos do Ensino Fundamental em uma escola de Santa Maria - DF. O pesquisador participou do momento do questionário e constatou que a turma é composta por uma grande parte de alunos que são vítimas da violência que acontece no interior da escola ou nas proximidades, por se tratar de uma turma de alunos sem muitas condições financeiras, em uma comunidade onde o tráfico de drogas é comum. Observe-se, ainda, que a comunidade é constituída por famílias carentes. Foram apresentados três questionários distintos totalizando dez questões onde os pesquisados tiveram total autonomia para responder espontaneamente às questões que lhes foram destinadas.

Os professores são divididos em duas classes, os efetivos e os temporários, dos quais três são temporários, uma é professora e os outros dois são professores. Os efetivos são divididos em metade masculina e metade feminina, onde dois estão no final de carreira, faltando menos de dois anos para aposentar. Da formação acadêmica, um é Mestre em ciências sociais pela Universidade de Brasília e outro está fazendo mestrado em matemática Universidade de Brasília, observa-se que a escola possui um quadro de professores qualificados proporcionando a escola um ensino e aprendizagem de qualidade.

Esta escola atende cerca de mil e duzentos alunos, matriculados no ensino regular do sexto ano ao nono ano, distribuídos em trinta e oito turmas, em turnos diferentes, contendo aproximadamente trinta de cinco alunos por turma. As maiorias dos alunos moram em Santa Maria, outra parte reside nas cidades no entorno de Goiás. A escola tem espaço físico amplo e dispõe de dezenove salas de aula, uma sala de informática, uma biblioteca, uma quadra de esportes, uma sala de coordenadores.

Também oferece atividades extracurriculares, com literatura, informática e futebol. Aos alunos que necessitam de acompanhamento escolar, são oferecidas aulas de reforço em horário oposto ao das aulas regulares. Os alunos portadores de necessidades educativas especiais são atendidos nas salas regulares. A escola também trabalha com Projeto Mais Educação que visa fomentar atividades para melhorar o ambiente escolar, dando mais

oportunidades aos alunos de integrar-se com a escola de forma mais efetiva, com o objetivo de ampliar a aprendizagem do aluno.

2.3 - INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O objetivo da pesquisa é saber como a violência está inserida no contexto da comunidade escolar e como a Coordenação Pedagógica pode utilizar essas informações para restaurar a paz na escola. A pesquisa tem por finalidade analisar a relação da violência escolar envolvendo alunos e o trabalho da coordenação pedagógica como mediadora dessa violência, os dados foram todos contabilizados na íntegra de acordo com as repostas dos pesquisados, como a autora afirma, evitando distorções às informações obtidas. Para Pádua (2004) retrata o que:

[...] pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividades de busca, indagação, investigação, inquietação da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações (PÁDUA, 2004, p.31).

Visto que a violência se faz presente na vida diária dos jovens no processo educativo, a pesquisa mostra como é essa relação, visando compreender a influência que esse meio exerce no desenvolvimento da juventude, especificamente em alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública. A pesquisa é importante para afirmar o debate teórico que indaga sobre os problemas de violência no interior ou nas proximidades da escola.

Em concordância com Pádua (2004) a autora Reis (2008) complementa sobre o papel da pesquisa reforçando que “a pesquisa é o meio pelo qual possibilita o pesquisador buscar de forma organizada, sistemática e objetiva, novas repostas para problemas e fenômenos com o objetivo de compreendê-los e explicá-los” (REIS, 2008, p. 46), o objetivo principal dessa pesquisa é compreender essa problemática.

2.4 - PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A pesquisa, que se realizou em uma escola pública, no período vespertino do dia 25 de fevereiro de 2013, é composta por três questionários distintos, com três perguntas para alunos, três para professores e quatro para coordenadores pedagógicos, todas referentes à violência escolar e ao trabalho de mediação da coordenação pedagógica frente a essas violências.

Foram pesquisados 54 alunos, 12 professores e 4 coordenadores numa escola de 1200 alunos 36 professores e 4 coordenadores pedagógicos.

Para iniciar essa investigação, o pesquisador procurou a equipe diretiva da escola para apresentar a proposta do trabalho e seus objetivos. A equipe diretiva demonstrou interesse e disponibilidade para contribuir com a pesquisa. Os alunos foram escolhidos por fazerem parte do programa de aceleração. Trata-se de jovens com índice de reprovação, e alguns apresentam problemas de violência familiar, agressividade dentro da escola com outros alunos e professores.

A participação dos alunos na pesquisa se deu por estar diretamente ligada à violência escolar. Quanto aos professores e coordenadores pedagógicos, foram convidados a participar da pesquisa devido ao seu envolvimento com os alunos e sua importância na elaboração dos projetos pedagógicos que têm como foco inibir a violência escolar.

Para realizar a entrevista com os alunos, professores e coordenadores pedagógicos, foram utilizados questionários com perguntas direcionadas de acordo com o público pesquisado, sendo que todas as questões foram centradas nas questões da violência escolar e no trabalho de coordenação pedagógica como mediadora dessa violência.

2.5 - PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Após a coleta de dados, iniciou-se a análise das respostas obtidas por meio dos questionários direcionados aos grupos de alunos, professores e coordenadores pedagógicos. O objetivo era o de observar como a violência está presente no ambiente escolar e o que a coordenação pedagógica tem feito para erradicá-la ou minimizá-la, levando em conta os projetos pedagógicos das instituições de ensino.

Os dados analisados serviram para indicar que existe incidência de violência tanto dentro da escola pesquisada quanto nos arredores. E mostra: a) quais os caminhos que a coordenação pedagógica deverá seguir para desenvolver projetos para melhoria do ambiente escolar, b) como os professores devem aprimorar o relacionamento com os alunos em sala de aula com a finalidade de melhorar o processo ensino / aprendizagem, e c) como os alunos podem melhorar suas atitudes com base nos conhecimentos adquiridos.

CAPÍTULO III

3 - ANÁLISES DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados é importante para compreender os resultados obtidos a partir dos questionários aplicados. Eles apresentam as respostas encontradas conforme a opinião dos entrevistados, e representa os tipos de violência a que alunos, professores e coordenadores pedagógicos estão expostos na escola.

Após a análise dos dados, serão apresentados por meio de tabela e gráficos os resultados obtidos com a pesquisa feita sobre o envolvimento dos alunos com a violência escolar relacionada às drogas, agressões físicas, agressões psicológicas e uso de drogas lícitas e ilícitas no 8º e 9º anos de uma escola pública de Santa Maria – DF. Os sujeitos colaboradores participaram de forma dinâmica da pesquisa.

Os dados são referentes à pesquisa realizada com amostras em um questionário de dez perguntas sobre a relação que os alunos têm com a violência escolar durante o processo educativo e qual o impacto que ela exerce na vida da comunidade escolar, envolvendo os professores e trabalho de mediação da Coordenação Pedagógica.

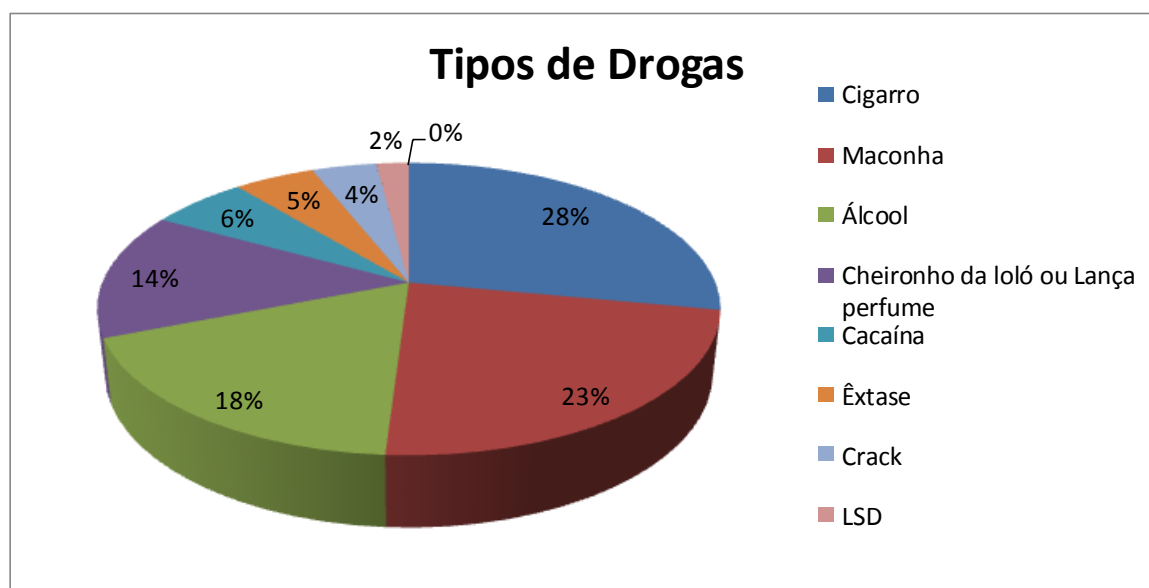
A seguir apresenta-se a tabela 1, relatando os tipos de drogas que são presenciadas dentro da escola pesquisada ou nas proximidades.

TABELA 1 – A presença das drogas no contexto escolar.

Alternativas	Quantidade	Percentual
a) Cigarro	52	28%
b) Maconha	41	23%
c) Álcool	33	18%
d) Cheirinho da loló ou Lança perfume	26	14%
e) Cocaína	12	6%
f) Êxtase	10	5%
g) Crack	8	4%
h) LSD	3	2%
i) Outros (quais)	0	0%
TOTAL	185	100%

Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013

GRÁFICO 1 – A presença das drogas no contexto escolar.



Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

Os dados do gráfico revelam que entre as drogas representadas existem as chamadas drogas ilícitas e lícitas. As primeiras são as de uso e venda proibidos e as segundas são as autorizadas pela lei para maiores de 18 anos no comércio. Entre as três drogas mais presentes na escola pesquisada, estão o cigarro com 28%, o álcool com 18%, representando o primeiro e o terceiro lugar na pesquisa e a maconha, que aparece em segundo lugar com 23%, representando a droga ilícita mais utilizada após o álcool e o cigarro.

Verifica-se que as drogas lícitas que são vendidas livremente no comércio para maiores de dezoito anos ainda são as mais consumidas pelos jovens, tornando-se porta de entrada para as drogas ilícitas. O psiquiatra Tiba (2007, p. 268) afirma que: “A droga mais utilizada pela juventude é o álcool e o tabaco que está em segundo lugar”. Em que Abramovay (2005) aprofundando essa questão informa que:

Outro tema polêmico na literatura e entre os entrevistados desta pesquisa é a interação ou não entre o uso das chamadas drogas lícitas e aquelas reconhecidas com ilícitas – ou seja, em que medida o uso do álcool e do tabaco determinam o uso de outras drogas na trajetória de vida dos usuários dessas substâncias, concomitante ou não a elas. Em alguns estudos, o álcool não somente é considerado como uma droga, mas, também, é destacado como porta de entrada para as outras drogas (ABRAMOVAY, 2005, p.34)

Outro fator que tem levado os jovens a iniciar suas vidas no mundo das drogas é o tráfico de entorpecentes dentro da escola ou nas proximidades, que causa desconforto à comunidade escolar servindo de assédio a muitos alunos. De acordo com o gráfico 1, a maconha representa o segundo lugar no consumo com 23%, corroborando o que os pesquisadores dizem ser essa droga depois do álcool a mais consumida, causando prejuízos à vida dos jovens estudantes, que, uma vez utilizando a droga, acabam perdendo o interesse pelos estudos. “De um modo geral, a expansão do tráfico relaciona-se diretamente com o crescimento da violência, atingindo também as escolas e proporcionando uma sensação de insegurança que se instala e prejudica de forma acentuada o clima escolar”. (MEDEIROS apud, ABROMAVAY, 2009, p. 324). Essa realidade mostra que as drogas estão presentes dentro das escolas ou nas proximidades, causando prejuízo ao desenvolvimento do processo educativo.

As outras drogas como Cocaína, Êxtase, Crack, LSD, Cheirinho da loló ou Lança perfume, fazem parte das drogas que representam índices menores na pesquisa. São a continuação da utilização do álcool, cigarro e maconha, sendo essas últimas, consideradas porta de entrada para outras drogas. Em que Abramovay (2005) descreve:

Os inalantes e a cocaína em pó aparecem em seguida, com percentuais semelhantes – de 1,1% e 1% em cada caso (com 50,5 mil e quase 47,8 mil alunos, respectivamente). Seguem-se o crack e a merla, com proporções de 0,5% e, em último lugar, as drogas injetáveis, com uma porcentual de 0,3% e quase 12 mil usuários (p.64)

De acordo com os dados da pesquisa, existem drogas dentro da escola pesquisada e nas proximidades. A violência tem levado muitos jovens ao consumo, atraídos pela fantasia de que as drogas podem afastá-los dos problemas da vida, proporcionar prazer e ainda torná-los mais fortes e desinibidos. Porém os prejuízos causados são grandes, e tornam a vida dos jovens dentro da escola cada vez mais difícil tanto para eles como para os educadores. Os CPs agem como mediadores diante das diversas situações que vão aparecendo durante o ano letivo, envolvendo alunos drogados.

A seguir apresenta-se a tabela 2, que descreve os tipos de violência a que os alunos da escola pesquisada têm sido expostos.

TABELA 2 – Tipos de violência presenciados dentro ou nas proximidades da escola.

Alternativas	Quantidade	Percentual
a) Agressão psicológica (Bullying)	43	43%
b) Agressão física	40	40%
c) Tráfico de drogas	14	14%
d) Roubos	3	3%
TOTAL	100	100%

Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

GRÁFICO 2 – Tipos de violência presenciados dentro ou nas proximidades da escola.



Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

A violência é um dos males que mais têm afetado o desenvolvimento da escola nesse último século. Não adianta fechar os olhos e dizer que ela não existe. Os dados da amostragem são bem claros ao afirmarem os tipos de violência a que os alunos estão expostos. “A primeira condição indispensável para lidar com conflitos e prevenir essa

violência é reconhecer que ela existe” (CECCON, 2009, p.28). Um trabalho como esse não poderia ser iniciado sem reconhecer a dinâmica da violência na vida dos estudantes durante o processo educativo.

Segundo as estatísticas da escola pesquisada, 43% dos alunos disseram que o bullying é a agressão mais praticada, representado 43 alunos dos 54 do 8º e do 9º anos. Afirmaram o que os estudos já vêm indicando sobre esse tipo de violência, dizendo que: “O bullying não é um acontecimento local, mas global, como uma epidemia que cresce e se espalha nos ambientes escolares” (CHALITA, 2008, p.108) concorda dizendo: “Nunca em todos os tempos, a violência esteve tão presente no nosso cotidiano quanto nessas últimas décadas.” (PEREIRA 2009, p.13 apud Chalita). Infelizmente, a sociedade ainda não está preparada para lidar com o bullying, muitos dizem que isso não passa de brincadeira de criança e que não deve ser levado a sério.

O bullying é uma violência que tem levado muitos alunos a praticarem violência física e psicológica, em função de seu tipo de agressão ser muitas vezes dissimulado não dando chance para a vítima se defender. Além do bullying existem outros agentes responsáveis pela violência escolar que são: as disputas internas pelo poder, o tráfico de drogas, e o próprio comportamento violento de alguns alunos. O tráfico de drogas vem representando 14% das violências citadas pelos estudantes pesquisados, indicando uma realidade triste, mas que existe na maioria das escolas públicas do Distrito Federal. Abromovay (2009, p. 92) afirma que: “Considerando o universo amostrado de alunos, uma média de 33,5%, ou seja, um terço do total, afirma ter presenciado o consumo de drogas perto do ambiente escolar, o que corresponde a 1.551.609 estudantes, como pode ser visto na Tabela 4.1”.

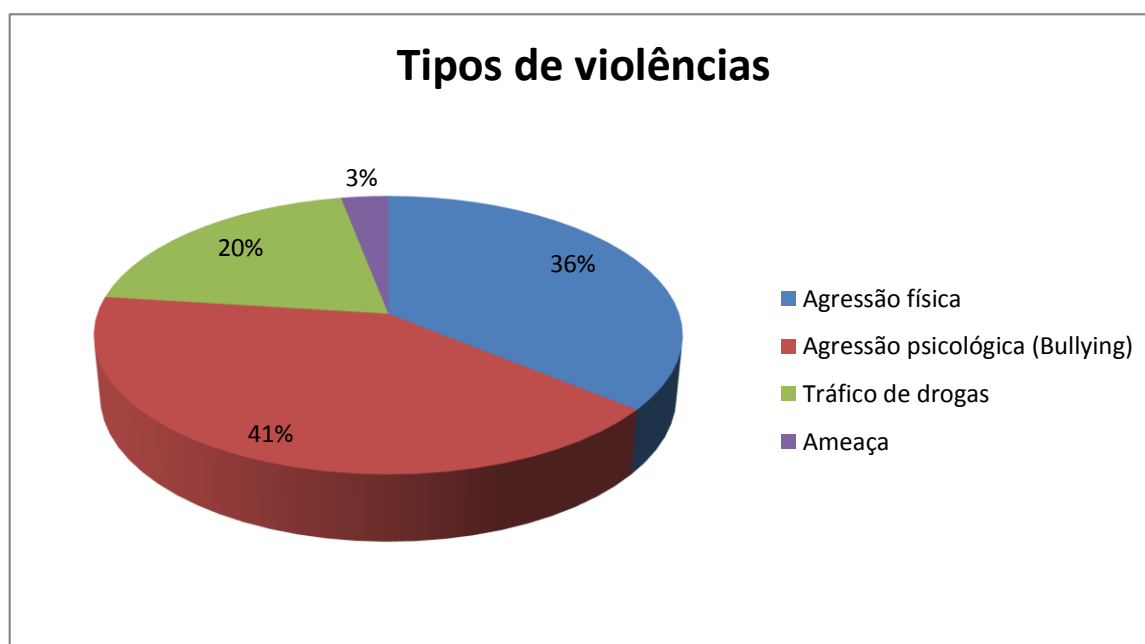
As agressões físicas estão em segundo lugar com 40% da violência citada pelos alunos pesquisados, contabilizando 40 estudantes de acordo com a tabela 2, que demonstra que esse tipo de agressão tem sido um agente preocupante para a comunidade escolar e tem levado muitos alunos a deixar de ir à escola por medo de que se repita. Reafirmada na fala de Debarbieux (2002, p. 148), ele relata que: “As principais razões alegadas para as expulsões são agressões física (geralmente contra outras crianças, ocasionalmente contra professores ou auxiliares de ensino) e comportamentos que perturbam o aprendizado das demais crianças”. Essa realidade, que faz parte de muitas escolas, acaba levando ao desgaste do ambiente educacional.

A seguir apresenta-se a tabela 3, onde estão relatados os tipos de violência que podem contribuir para o desinteresse escolar dos alunos.

TABELA 3 – Tipos de violência que contribuem para o desinteresse escolar.

Alternativas	Quantidade	Percentual
a) Agressão psicológica (Bullying)	38	41%
b) Agressão física	33	36%
c) Tráfico de drogas	18	20%
d) Ameaça	3	3%
TOTAL	92	100%

Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

GRÁFICO 3 – Tipos de violência que contribuem para o desinteresse escolar.

Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

São vários os fatores que contribuem para o desinteresse escolar dos estudantes. De acordo com a tabela 3, dos 54 alunos pesquisados, 38 responderam que as agressões psicológicas conhecidas como bullying representam o fator que mais provoca o desinteresse em ir à escola, o que representa 41% dos entrevistados. Esse tipo de violência tem sido alvo de preocupação da comunidade escolar, por ser uma violência muitas vezes silenciosa e que destrói a autoestima das vítimas que, aos poucos, perde o interesse pela vida acadêmica. “Adolescentes vítimas do bullying geralmente são pessoas com dificuldades para reagir

diante das situações agressivas, retraindo-se e isso pode contribuir para a evasão escolar, já que, muitas vezes, não conseguem suportar a pressão a que são submetidos”. (MARRIEL, 2006, p.37). Muitas escolas têm elaborado programas antibullying, porém o processo de reabilitação é lento e os resultados são em longo prazo. O que implica prejuízos ao processo de ensino e aprendizagem.

Outro fator que tem provocado o desinteresse escolar são as drogas. Elas causam medo em alguns e curiosidade em outros; 18% dos alunos, representados por 20 estudantes em conformidade com tabela 3, disseram que essa violência tem causado o desinteresse de muitos jovens em ir à escola. Nesse aspecto, a pesquisadora Abromovay (2005) reforça que:

Assim, o desencanto com a escola, com a educação, o desinteresse pelos estudos podem ser estímulos para a busca do envolvimento com as drogas, o que pede mais atenção às ambiências e relações sociais vividas pelos jovens como possíveis estruturas de vulnerabilidades, que potencializam a recorrência às drogas (Abromovay, 2005, p.113)

De acordo com a pesquisa, o tipo de violência que está em segundo lugar entre as que têm provocado o desinteresse em ir à escola tem sido as agressões físicas representando 36% dos entrevistados, como está no gráfico 3, mostrando que os alunos não estão satisfeitos com esse tipo de agressão que tem acontecido na escola. Marriel (2006, p.38) declara que: “De maneira geral, a violência manifesta uma afirmação de poder sobre o outro e a conquista desse poder é o que gera as diversas formas de violência”. A atuação da Coordenação Pedagógica é de extrema importância para cultivar a paz na escola e mediar esses conflitos que ,são prejudiciais ao processo escolar.

As ameaças representam 3% dos entrevistados; apesar de ser uma violência pouco utilizada pelos agressores, reflete negativamente na vida dos jovens e precisa ser trabalhada pela Coordenação Pedagógica. Essa violência atinge a autoestima dos estudantes provocando desconforto no ambiente escolar e automaticamente o desinteresse dos alunos. “(...) algumas formas de violência vividas pelos alunos na escola, destacando-se aquelas mais relatadas pelos adolescentes de baixa autoestima: serem humilhados, ameaçados, agredidos intensamente e roubados na escola”. (MARRIEL, 2006, p.43). Esses tipos de violência são prejudiciais na medida em que acontecem e nada é feito para inibi-los; muitas vezes são agressões veladas, que vão deixando sua marca silenciosa nos, alunos aos poucos.

Diante dos fatos apresentados, observa-se que os conflitos violentos precisam ser trabalhados, o que só pode ser realizado por um trabalho de restauração da paz escolar, como a finalidade de minimizar e erradicar a evasão escolar. A pesquisadora Seccon (2009,

p.32) reitera em sua fala dizendo: “É assim que o conflito transforma-se em confronto. O diálogo se encerra. Desgaste psicológico, comportamentos agressivos, violências são alguns dos produtos dessa abordagem”. Em conformidade com a fala da autora, é preciso existir um diálogo aberto dentro do ambiente escolar, dando a oportunidade aos alunos de se expressarem sobre os problemas existentes, a fim de que se encontre uma saída plausível.

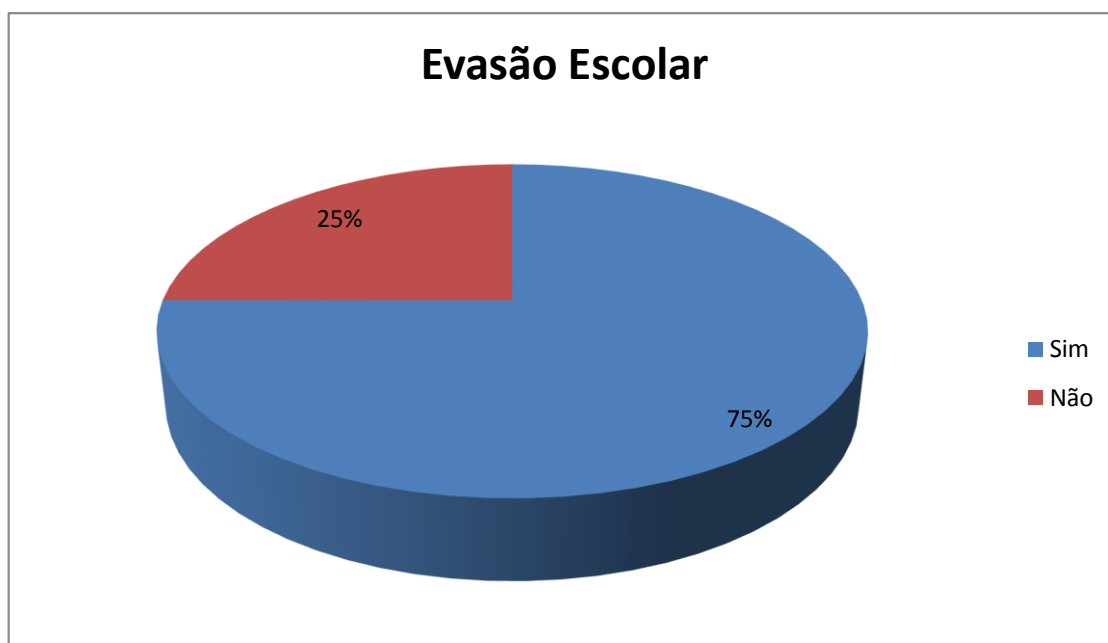
A tabela 4 fala sobre o como a violência tem incentivado a evasão escolar.

TABELA 4 – A violência tem incentivado a evasão escolar? Em caso afirmativo? Comente sua resposta

Alternativas	Quantidade	Percentual
a) Sim	9	75%
b) Não	3	25%
TOTAL	12	100%

Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

GRÁFICO 4 – A violência e a questão da evasão escolar.



Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013

TABELA 4.1 – A violência e a questão da evasão escolar?

Professores	Comentários
A	Muitas vezes o aluno se sente ameaçado e tem medo de vir à escola e isso acaba que ele evade por medo de apanhar.
B	Devido às constantes ameaças que acontecem na escola, por vários motivos relacionados à violência como: bullying, drogas, disputas de poder, armas, etc.
C	Nossos alunos se sentem ameaçados e ficam com medo de frequentar a escola.
D	A partir do momento em que a escola limita as ações violentas, alguns alunos tendem a não regressar.
E	A maior parte dos atos violentos faz com que os alunos saiam da escola.
F	Os alunos ficam com medo de ameaças e sem incentivos para estudar.
G	Os alunos tumultuam o ambiente escolar, por não terem limites, o que acaba causando situações de violência.
H	Os alunos se sentem intimidados e acabam evadindo.
I	Através do bullying.

Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013

Percebe-se, analisando a o Gráfico 4, que 75%, dos entrevistados afirmaram que a violência tem incentivado a evasão escolar. Segundo comentários dos professores, conforme a tabela 4.1, as causas da evasão escolar são diversas, porém a maior parte das ocorrências estão relacionadas a violência escolar que são: ameaças, Bullying, intimidação, medo, limites exagerados dentro da escola e outros. Esse medo de que alguma coisa possa acontecer certamente existe. Foi perguntado aos alunos e professores qual o sentimento de medo que têm em relação à violência escolar. “As violências duras foram apontadas como as maiores causadoras desse medo. As armas acarretam “muito medo” em 38,7% dos alunos e 25,7% dos professores”. (ABROMOVAY, 2009, p.281). A violência, de modo geral, tem causado o

afastamento de muitos jovens do ambiente escolar. Devido a essa realidade, é necessário desenvolver projetos que possibilitem trabalhar essas questões com mais seriedade.

Na fala dos professores que participaram da pesquisa notou-se que as violências mais presentes na escola pesquisada responsável pela evasão escolar foram: ameaças e o bullying, ou seja, são agressões muitas vezes veladas, praticadas sem que os educadores ou pais dos alunos saibam, o que dificulta a ação protetora. “Adolescentes vítimas do bullying geralmente são pessoas com dificuldades para reagir diante das situações agressivas, retraindo-se, o que pode contribuir para a evasão escolar, já que, muitas vezes, não conseguem suportar a pressão a que são submetidos”. (MARRIEL, 2006, p.37). Em conformidade com a fala da autora, a situação psicológica em que se encontram os alunos agredidos é de medo, e alguns acabam saindo da escola, com receio de que a violência se repita.

Um ponto que foi levantado na pesquisa de acordo com a fala dos professores na Tabela 4.1 é que a questão do limite tem gerado afastamento dos estudantes do ambiente escolar. “Na pesquisa A Voz dos Adolescentes realizada pela UNICEF (2002), para os adolescentes, a violência pode ser definida como desrespeito aos limites do outro, de qualquer natureza: física ou verbal, moral e sexual”. (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ, 2008, p.22). Os limites são importantes ao convívio na escola, porém devem ser iniciados em casa, não devendo ser exagerados, de forma agressiva nem pelos pais, nem pelos educadores; caso contrário, isso incentivará a evasão escolar.

A tabela 5 e 5.1 explana sobre o trabalho da coordenação pedagógica frente aos casos de violência escolar.

TABELA 5 – O apoio da coordenação pedagógica frente aos casos de violência escolar.

Alternativas	Quantidade	Percentual
a) Sim	11	92%
b) Não	1	8%
TOTAL	12	100%

Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

GRÁFICO 5 – O apoio da coordenação pedagógica frente à violência escolar.



Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

TABELA 5.1 – O apoio da coordenação pedagógica aos professores frente aos casos de violência escolar envolvendo alunos.

Professor	Comentários
A	Todos a acabam se reunindo coma família, alunos e professores para conversas a respeito da violência encontrada no ambiente escolar.
B	Recebendo orientações básicas até porque eles (Coordenador Pedagógico) também estão impossibilitados de muitas ações.
C	Conversando com os alunos e com seus familiares. Fazendo projetos interventivos com a comunidade escolar.
D	Promovendo ações incentivadoras com os alunos que apresentaram problemas.
E	A ação é imediata com medidas disciplinares dependendo do caso em parceria com a Polícia Militar.
F	Identificando os alunos e encaminhando os casos para a autoridade competente.
G	Na medida do possível. Quando sai do limite da escola é necessário apoio especializado.
H	É feito um registro em um livro de ocorrência dos casos mais graves, onde são chamados os responsáveis para um conversa e orientação.
I	Informando-nos os casos que ocorrem com a comunidade e como devemos agir.
J	Através dos registros em ata.
L	Na atual gestão o apoio tem sido mais participativo.

Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

De acordo com o Gráfico 5, 92% dos professores disseram que têm recebido apoio da Coordenação Pedagógica nos casos de violência envolvendo alunos. O trabalho desenvolvido pelo CP representa uma das atividades mais importantes do processo educativo, implicando o

trabalho de educação continuada com os educadores. Essas ações fazem parte o trabalho do CP, que tem como responsabilidade promover projetos na escola que possibilitem a resolução dos casos de violência envolvendo alunos e professores e em alguns casos os pais. Reafirmada na fala da pesquisadora Placco (2012, p.71) em que ela relata: “Muitas são as atribuições do coordenador pedagógico na escola. Ele transita pelos espaços do “entre”, mediando as múltiplas relações que se estabelecem entre alunos, professores, pais e conhecidos”. A autora reforça a importância do trabalho do CP como mediador dos diversos conflitos que possam vir a existir, alertando sobre a importância a relação do trabalho da coordenação pedagógica e a comunidade escolar.

Na fala de alguns educadores citados na Tabela 5.1, foi observado, que a família é uma instituição importante no processo de resolução dos problemas que possam vir a existir. Citou-se a palavra “família” duas vezes conforme a Tabela 5.1. Visto que a instituição familiar é essencial na resolução do diversos problemas que possam surgir, ela faz parte da comunidade escolar e não pode ser negligenciada. Uma vez que Nunes (2011, p. 81) relata que: “Já o “Círculo Restaurativo” é uma reunião com as partes conflitantes, contado como a participação do facilitador e de outras pessoas da escola, da família ou da comunidade”. De acordo como a citação, a família é o elo que tem sido o ponto de restauração dos conflitos escolares e deve ser vista como uma das instituições mais importante nesse processo.

Outro ponto importante destacado foi a atuação das autoridades no processo de resolução de conflitos. Foi citada na Tabela 5 a atuação da Polícia Militar, quando as ações conflitantes ultrapassam a responsabilidade da escola, envolvendo conflitos mais sérios, a ação da Polícia se faz presente. Na pesquisa da autora Abromavoy (2009), ela relata que:

Outro ator indispensável na questão da violência nas escolas é a polícia, representada pelos seus órgãos responsáveis pela atenção ao público escolar, especialmente o Batalhão Escolar do Distrito Federal e as Delegacias da Criança e do Adolescente (DCA) e de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) (ABRAMOVAY, 2009, p. 79).

O apoio da coordenação pedagógica ao trabalho dos educadores está relacionado diretamente à vida acadêmica dos alunos. E eles são o principal eixo norteador de todo o trabalho das instituições de ensino. A relação entre o professor e coordenador pedagógico de acordo com a fala de Placco (2010, p.234,) é: “(...) centrada na escola – que se ocupa dos saberes profissionais emergentes do contexto de ação dos professores, os autores discutem a importância de o coordenador ser o interlocutor privilegiado entre os professores em suas reflexões sobre a prática”. Essa relação existente entre o CP e o professor é importante ao

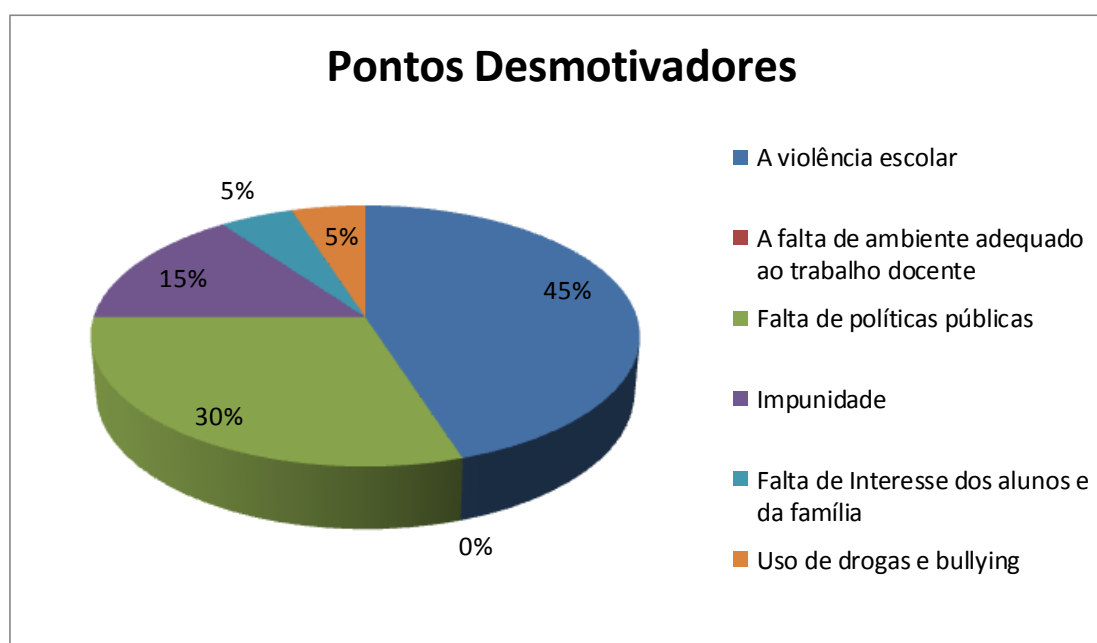
processo de ensino e aprendizagem dos alunos e ao bom funcionamento dos programas escolares descritos no Projeto Político-Pedagógico da escola.

TABELA 6 – Dentre os pontos abaixo, quais têm sido os mais desmotivadores às práticas educacionais?

Alternativas	Quantidade	Percentual
a) A violência escolar	9	45%
b) A falta de ambiente adequado ao trabalho decente	0	0%
c) Falta de políticas públicas	6	30%
d) Impunidade	2	10%
e) Leis que protegem indivíduos infratores	1	5%
f) Uso de drogas e bullying	1	5%
g) Falta de interesse dos alunos e família	1	5%
TOTAL	100	100%

Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

GRÁFICO 6 – Dentre os pontos abaixo, quais têm sido os pontos desmotivadores às práticas educacionais?



Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

De acordo com a Tabela 6, são vários os motivos desmotivadores das práticas escolares, porém o que ficou em destaque foi a questão da violência escolar e a falta de políticas públicas. Já a ausência de ambiente adequado ao trabalho docente ficou com 0% conforme o Gráfico 6, mostrando uma realidade que existe em muitas escolas. Os tipos de violência que aparecem na fala dos entrevistados reflete uma realidade que está presente em muitas escolas. A pesquisadora Marriel (2006) relata que:

Seria impossível discutir neste artigo as múltiplas formas de enfrentamento da violência em seus variados níveis: institucional – provocada pelas condições socioeconômicas e culturais mais gerais e pela atuação das diversas instituições sociais, como a escola; interpessoal – manifestada nas relações entre pessoas e grupos; e individual – momento único em que cada indivíduo faz a síntese e representa todas as suas vivências e violências sofridas (MARRIEL, 2006, p. 46).

“O tema “violência nas escolas” tem suscitado diversos estudos e pesquisas que, por meio de olhares e focos distintos, permite constatar as dificuldades do sistema educacional em enfrentar as múltiplas dimensões desse fenômeno”. (MENDONÇA, 2008, p.8). Sem dúvida, a violência tem sido um agente desmotivador das práticas educacionais. Os professores estão em situação difícil no campo educacional, uma vez que, além da violência, têm enfrentado outros problemas como a falta de políticas públicas relacionadas à escola, representando 30% dos entrevistados de acordo como o Gráfico 6.

Fica evidente que a violência não é o único agente desmotivador para as práticas educacionais. A pesquisa revelada na Tabela 6 mostra os poucos investimentos voltados para as escolas “No Brasil, durante os últimos vinte anos, as políticas públicas de redução da violência em meio escolar têm se originado, sobretudo, na esfera estadual e municipal”. (GONÇALVES, 2002, p.102). As políticas públicas existem, mas são precárias e precisam ser melhoradas em nível micro e macro. Esse fato reforça uma preocupação que está presente na sociedade, isto é, a inversão de prioridades. É inadmissível ver o governo gastar uma fortuna com propagandas políticas e festas carnavalescas, deixando de dar prioridade à atividade escolar, considerada umas das instituições mais importantes do país.

O gráfico 6, por sua vez, revela que o uso de drogas e o bullying representado nos índices da pesquisa, revela que essas violências estão presentes na vida de muitos estudantes, prejudicando a vida acadêmica e o convívio entre os estudantes. “A principal constatação desta pesquisa é a incidência do consumo de drogas em 27,9% e o tráfico de drogas em 19,4% nas escolas, considerada uma das causadoras do aumento da violência praticada no entorno e dentro das escolas”. (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ, p.

2008, 24). O tráfico de drogas, assim como o bullying, são agressões que provocam o desinteresse dos alunos e automaticamente desmotivam os professores em relação às práticas educacionais, e cria-se, dessa forma, um círculo vicioso no sistema educativo.

TABELA 7 – Os projetos elaborados pela coordenação pedagógica têm sido suficientes para minimizar a violência escolar?

Coordenador Pedagógico	Comentários
A	Os projetos tornam-se inviáveis, uma vez que não são aplicados como deveria ser e com isso a tendência é uma acumulo de ocorrências escolares.
B	Os projetos de 2013 ainda não foram implantados
C	Sim, mas se faz necessário outros projetos a fim de combater a violência, tendo em vista que a cada ano os índices aumentam assustadoramente.
D	Sim, através das parceiras e projetos nossa escola tem melhorado muito a questão da violência.

Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

Foi observado que o trabalho de Coordenação Pedagógica na escola pesquisada não tem sido suficiente para minimizar a violência na escolar. Como está relatado na Tabela 7, vários coordenadores pedagógicos afirmaram que os projetos de 2013 não foram implantados e os que são aplicados não estão de acordo com a realidade escolar, para ele: “se faz necessário outros projetos” conforme Tabela 7. Este mesmo coordenador ressalta a questão do acúmulo de funções exercidas pelos CPs “O coordenador pedagógico, ante tantas atribuições e tantas demandas, faz o que é possível fazer – atividade real. Atividade real é o que realmente gostaria de fazer e não tem condições para tanto?” (PLACCO, 2012, p.101). Atentar a esse pensamento é importante para compreender por que os projetos realizados pelo CP não têm sido suficientes para minimiza a violência escolar.

Um dos principais papéis da Coordenação Pedagógica é elaborar projetos, mediar os conflitos, fazer planejamento, organizar reuniões com a comunidade escolar e outros que venham ao encontro da realidade vivida por cada escola. Nem sempre os projetos elaborados são cumpridos à risca, devido a alguns fatores que ocorrem durante o processo educacional como: greve, poucas verbas, falta de local adequado para concretizar os projetos, falta de interesse de alguns profissionais de educação e outros. Para entender esse contexto é

necessário observar quais as funções do Coordenador Pedagógico escolar. Estudo sistematizado pela Fundação Victor Civita (2011) constata:

Os textos sugerem que as atribuições do coordenador, no que se refere à dimensão formativa, se fundamentam em: promover a articulação da equipe escolar para elaborar o projeto político-pedagógico da escola; mediar às relações interpessoais; planejar e conduzir as reuniões pedagógicas; enfrentar as relações de poder desencadeadas na escola; desempenhar sua prática atendendo a diversidade dos professores e das escolas; efetivar o registro escrito como forma de sustentar a autoria de seu papel na escola (p. 235).

Uma questão importante que foi levantada na Tabela 7 está relacionada às parcerias como meio para diminuir a violência na escola. Essas parcerias são importantes à medida que elas vêm servir como ponto de auxílio aos projetos educacionais. Elas devem existir, e estão amparadas pelo Estatuto da Criança e Adolescente, neste sentido (2011) afirma que:

Ao celebrarmos o 20º aniversário da Lei Federal 8.069, aprovada em 13 de julho de 1990, o Estatuto da Criança e Adolescente, é momento propício para que todas as sociedades, em parceria com as entidades que atuam com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, façam profundas reflexões sobre o adolescente em conflito com a lei, para que possamos ampliar os horizontes na prática do respeito a esta população como cidadãos sujeitos de direitos e deveres, e, sobretudo, conferir prioridade na elaboração de políticas públicas (SILVA, 2011, p. 49).

Os parceiros da escola são vários entre eles estão: Conselho Tutelar, Juizado da Infância e da Juventude, Promotoria da Infância e da Juventude, o Batalhão Escolar, o Centro de Referência e Assistência Social, o Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas, o Centro de Orientação Socioeducativa, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social, a Delegacia da Criança e do Adolescente, a Delegacia de Proteção da Criança e do Adolescente, o Conselho Comunitário de Segurança Escolar, o Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente e outros. Esses parceiros são essenciais ao desenvolvimento do trabalho da coordenação pedagógica durante o ano letivo, e não podem ser negligenciados de maneira alguma.

TABELA 8 – Como a Coordenação Pedagógica tem recebido o apoio dos pais frente à violência escolar?

Coordenador Pedagógico	Comentários
A	A família não tem participado dos projetos escolares o que tem dificultado o trabalho da Coordenação Pedagógica.
B	Os pais dessa comunidade escolar se tornam apáticos às situações problemas dos seus filhos acredito que eles mesmos têm perdido o controle sobre seus filhos.
C	O apoio dos pais não existe. Eles acham que a obrigação é exclusiva da escola.
D	Não há nenhuma participação da família nesta questão, dificultando o trabalho da Coordenação Pedagógica.

Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

Os resultados da Tabela 8 mostram um distanciamento da família em relação às atividades escolares. A família é uma instituição importantíssima ao processo educacional e essencial à continuidade das atividades escolares e, apesar das dificuldades pelas quais passa, não deve ser negligenciada. “Para sentirem-se conectadas à escola, famílias e comunidade devem acreditar que são consideradas como parceiras no processo de aprendizagem, que sua cultura, embora possa ser diferente da cultura escolar, é valorizada”. (CECCON, 2009, p.81). A escola que não trabalha em conjunto com os pais dos alunos, mesmo com as deficiências existentes, sofrerão as consequências, causando prejuízos ao convívio educativo.

Por que a família está tão distante da escola? Por que é tão difícil conectar a escola com a família? Para responder a tais questionamentos é importante analisar o perfil da sociedade brasileira, e como essa família está inserida no seu contexto. “A família é a sociedade humana mais complexa, seus conflitos são particularmente difíceis de encarar sob o ponto de vista da lei” (Muller 2007, p.48 apud Porto 2001). Neste último século a família tem sido palco de muitos estudos, relacionados a dificuldades de convivência entre seus membros e conflitos com a sociedade. A Secretaria de Estado da Educação do Paraná (2008) informa que:

Violência na família, maus tratos, negligência, abandono, abuso sexual, assim como disputas que refletem a violência da localidade. Detectam-se padrões de vitimização que interferem no cotidiano escolar e exigem uma atenção redobrada. Esta última questão nos leva à necessidade de tratar o último ponto sugerido neste artigo, a necessidade de estabelecer conexões (p.18).

Portanto, é importante que o Coordenador Pedagógico compreenda como essa instituição “família” é constituída na sociedade e quais as suas dificuldades. “Há quase uma unanimidade: os CPs concordam que há pouca ou nenhuma valorização da família e da sociedade em relação ao trabalho do CP (apenas em uma das regiões, a Nordeste, os CPs da rede municipal afirmam que são mais valorizados pelas famílias e alunos)”. (PLACCO, 2010, p.262). Partindo desse pressuposto, é importante salientar que uma escola não pode continuar sem o auxílio da família mesmo com suas deficiências, como relatado na fala dos entrevistados, revelando um descontentamento no ambiente escolar.

TABELA 9 – Na sua experiência como coordenador pedagógico, você acha que a mediação de conflitos funciona? Em caso afirmativo ou negativo comente.

Coordenador Pedagógico	Comentários
A	Essa é a medida mais provável para solucionar conflitos. Quando compreendemos o processo e aplicamos, não tem por que não funcionar.
B	Funciona. O trabalho de mediação na escola é importante, pois através deles os conflitos são resolvidos.
C	Sim. Entendo a mediação como uma forma de dialogo adequada para a solução de problemas envolvendo alunos e pais.
D	Sim, na maioria dos casos é melhor uma boa conversa. Onde o trabalho de mediação torna-se uma ferramenta primordial a paz dentro da escola.

Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013

As respostas dos entrevistados relatados na Tabela 9 representam uma unanimidade em relação à importância do trabalho de mediação exercida pela Coordenação Pedagógica, uma vez que esse profissional, ao interagir com professores, alunos, pais e direção escolar, têm proporcionado à comunidade escolar uma comunicação mais democrática, e dessa forma, um ambiente agradável ao exercício das práticas educativas. Nunes (2011) descreve que:

A mediação é uma ótima ferramenta para lidar com os conflitos interpessoais ocorridos na escola, principalmente quando eles envolverem poucas pessoas, como, por exemplo, autor e vítima, e se referirem a infrações escolares mais simples, embora possa também ser usada para conflitos com várias pessoas, com a mesma sistemática (NUNES, 2011, p. 84).

É interessante frisar que CP não é o único responsável por exercer o trabalho de mediação de conflitos dentro da escola. Ele é o agente que vai incentivar filtrar as ações, capacitar por meio da educação continuada, ensinando-lhes as técnicas de mediação e exercendo a função de articulador desse processo. Nunes (2011, p. 93) relata que: “Como

vimos, qualquer pessoa que tiver disponibilidade para trabalhar como voluntário pode ser coordenador das reuniões restaurativas (mediador para as mediações e facilitador para os círculos restaurativos)”. Qualquer pessoa que for capacitada para exercer o trabalho de mediação será um auxiliar do Coordenador Pedagógico, porém é interessante ressaltar que para realizar o trabalho de mediação é necessário técnicas que só um profissional treinado pode ter.

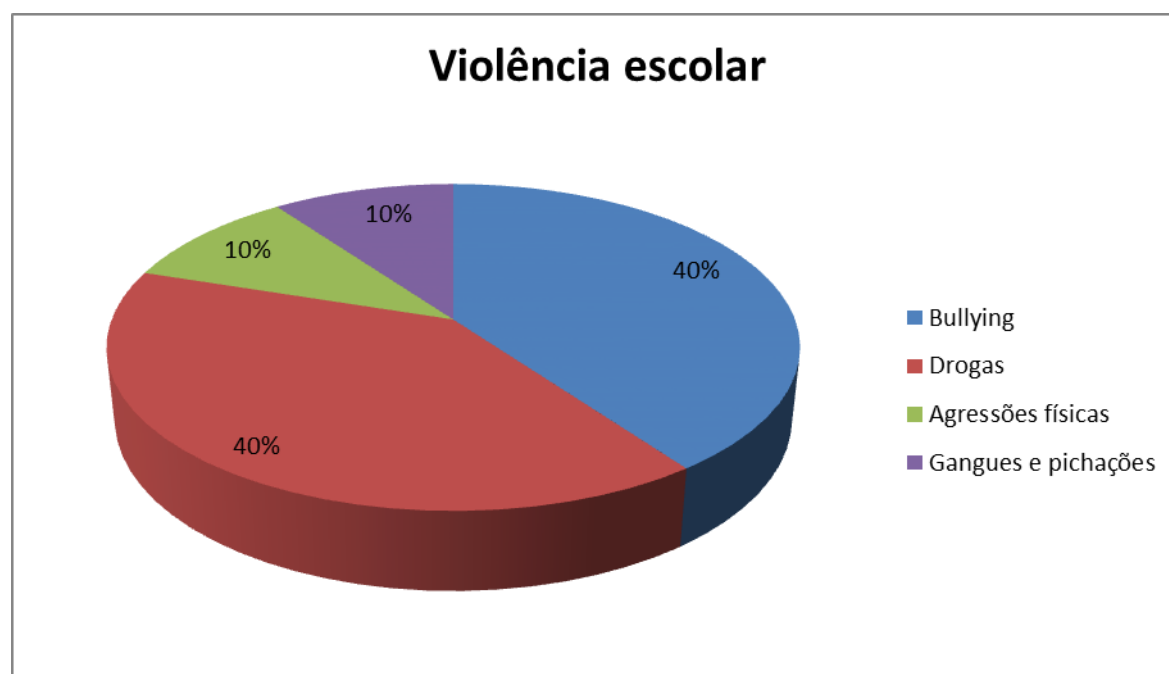
“O uso de técnicas de mediação de conflitos pode melhorar a qualidade das relações entre os atores escolares e melhorar o clima escolar” (CHRISPINO, 2007, p.24). As palavras do autor estão em consonância com os resultados, conforme a Tabela 9, a qual mostra como o trabalho de mediação é peça fundamental às instituições escolares. Para Ceccon (2009, p.121) que: “A pesquisa mostra que a implantação da mediação entre pares tem um efeito imediato sobre o sentimento de segurança na escola”. Essas afirmações demonstram a importância dessa ferramenta no ambiente escolar e como ela pode beneficiar toda a comunidade educativa.

TABELA 10 – Durante o processo da formação continuada com os educadores, quais os temas têm sido mais retratados pela coordenação pedagógica relacionada à violência escolar.

Alternativas	Quantidade	Percentual
a) Bullying	4	40%
b) Drogas	4	40%
c) Agressões físicas	1	10%
d) Gangues e pichações	1	10%
TOTAL	10	100%

Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

GRÁFICO 10 – O papel de formação continuada para o enfrentamento da violência escolar.



Fonte: Pesquisa de Campo. OLIVEIRA, Eduardo Neves, Santa Maria – DF 2013.

De acordo com o Gráfico 10, o bullying e as drogas, representam 40% das pesquisas, representando como a violência mais trabalhada pela Coordenação Pedagógica junto aos professores, durante o processo de educação continuada, indicando que essas agressões estão presentes na vida dos alunos. O CP tem como principal responsabilidade trabalhar com os

educadores e discutir tais conhecimentos que inclusive estão presentes nos parâmetros curriculares da educação básica. Outro ponto importante é como transmitir esses conhecimentos aos alunos de forma multidisciplinar, por meio da educação continuada. O documento da Fundação Victor Civita (2011) reafirma isso em suas palavras dizendo que:

É nesse contexto de dupla preocupação – de um lado, com a qualidade da escolarização oferecida às crianças e aos jovens e, de outro, com o desenvolvimento profissional dos docentes – que a formação continuada de professores, em sua articulação como o trabalho docente, é algo de interesse (p. 82).

O processo de formação continuada é extremamente importante ao desenvolvimento dos professores, e ao seu principal articulador bem como ao trabalho de Coordenação Pedagógica. Cabe, então, a esse profissional a responsabilidade de transmitir aos professores todas as informações necessárias ao bom funcionamento do processo de ensino e aprendizagem, tratando de assuntos relacionados à violência escolar, tais como: bullying, drogas, agressões físicas, gangues e pichações e outros. Conforme Placco (2012, p. 58) declara que: “A formação continuada em serviço é aqui entendida como toda atividade oferecida pela escola como o objetivo de preparar o professor para novas tarefas ou melhorar seu desempenho em suas ações educativas”. Partindo dessa premissa, o professor nunca estará pronto; ele estará sempre em processo de contínua formação, agregando novas experiências ao seu currículo, ao longo de sua vida acadêmica.

Como foi discutido durante essa pesquisa, a violência tem prejudicado o processo educacional, e feito com que muitos estudantes saiam da escola ou provoquem, no ambiente educacional, situações de desconforto. Para Abramovay (2009, p.13): “As violências nas escolas são, indubitavelmente, um dos mais importantes fatores, como demonstra o livro, que limitam significativamente o processo de ensino/aprendizagem na sala de aula”. Nessa perspectiva, cabe aos educadores a responsabilidade de trabalhar a violência escolar de maneira multidisciplinar de forma que ela seja erradicada ou diminuída, causando ao ambiente escolar uma sensação de segurança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia teve como temática principal “A coordenação pedagógica como mediadora frente à violência, em uma Escola de Ensino Fundamental de Santa Maria-DF”. A compreensão do papel da Coordenação Pedagógica como mediadora frente às situações de conflito, com o intuito de minimizar ou erradicar a violência, é de suma importância ao desenvolvimento do trabalho.

Os objetivos propostos inicialmente foram alcançados, pois tanto na pesquisa bibliográfica como na pesquisa de campo, foi possível confirmar que a violência faz parte da vivência dos jovens que participam do processo educacional. O uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas, agressões físicas e psicológicas são violências que fazem parte do cotidiano escolar, causando desequilíbrio entre os pares dentro da escola e desinteresse pela vida acadêmica dos alunos. A pesquisa de campo realizada em uma escola pública de Santa Maria, com alunos do oitavo e nono ano, professores e coordenadores pedagógicos do ensino fundamental evidenciou que a violência está presente na vida dos alunos e dos professores de forma recorrente.

Um exemplo da violência presente na escola pesquisada é o consumo de drogas lícitas, que tem ocupado o primeiro e o terceiro lugar na estatística, conforme registra o Gráfico 1, no qual o álcool o cigarro se destacam como as drogas mais utilizadas na escola pesquisada. Em segundo lugar, está a maconha, em seguida as demais drogas ilícitas. Essas amostragens revelam que as drogas contribuem sobremaneira para o crescimento da violência escolar. Durante o processo da pesquisa, alguns comentários foram ditos pelos entrevistados, mas a frase mais impactante foi: “O apoio dos pais não existe. Eles acham que a obrigação é exclusiva da escola.” (Relatada da Tabela 8), esse depoimento revela o distanciamento entre escola e família, ou seja, os jovens são matriculados na escola, mas os pais não oferecem o apoio necessário ao seu desenvolvimento, o que implica prejuízos para a vida acadêmica.

A pesquisa revela outro lado significativo, ou seja, 45% dos professores afirmaram que a violência escolar apresenta-se como o agente mais desmotivador às práticas escolares, causando desequilíbrio ao processo educacional. Dos entrevistados, 30% relatam que as políticas públicas são outro ponto que tem desmotivado o desenvolvimento educacional, o que reforça o aumento da violência entre alunos. Visto que, a violência faz parte da vida das crianças e isso nunca vai mudar, é preciso um trabalho diferenciado por parte da família e dos

educadores, unidos em único propósito: o desenvolvimento significativo da aprendizagem dos alunos, o aprimoramento da criticidade e da autonomia.

É papel da família problematizar com os jovens questões de limites, conversar com os filhos sobre as drogas, as violências físicas e psicológicas, orientar sobre a importância da escola para a vida em sociedade. A função da família é proporcionar outras atividades que ocupem as longas horas que os jovens ficam ociosos, porquanto muitos vão para as ruas ficando expostos a todos os tipos de assédio por parte dos traficantes, pichadores e assaltantes. Além disso, é preciso conscientizar os pais que a família tem um papel essencial para o desenvolvimento da autoestima dos jovens, que muitas vezes chegam à escola sem essa base tão importante para a suas vidas.

Nesse quadro, o trabalho da Coordenação Pedagógica é primordial quando se trata de buscar promover a paz no interior da escola. Esse profissional interage com todos os atores da comunidade educativa, criando projetos sintonizados com a realidade exposta, com o intuito de diminuir a violência no interior da escola. É papel fundamental da escola, inserir os conteúdos conhecidos com temas transversais que estão no PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais, e que são justamente os assuntos relacionados à violência escolar abordados neste trabalho.

O objetivo principal desta pesquisa é mostrar que a violência faz parte da vida acadêmica dos jovens e dar o devido destaque à importância do trabalho da coordenação pedagógica como mediadora dos conflitos na escola, executando, junto aos professores e alunos, projetos que venham restaurar a paz na intuição de ensino, com o intuito de erradicar ou minimizar essa violência que tem posto fim aos sonhos de muitos jovens. O papel do educador nas questões referentes à violência escolar é o de estimular o aprimoramento da relação escola-família e interagir com a Coordenação Pedagógica para promover ações que favoreçam o desenvolvimento da autonomia do jovem para agir com discernimento em suas escolhas, fazendo com que se tornem cidadãos capacitados para viver em sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. et al. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, 2002.
- _____. **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. Brasília: UNESCO, Ministério da educação 2004.
- _____. C. M. G. **Caleidoscópio das violências nas escolas**. Brasília: Missão criança, 2006.
- _____. C. M. G. **Drogas nas escolas: versão resumida**. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005.
- _____. C. M. G. **Escola da paz**. Brasília: UNESCO. Universidade do Rio de Janeiro, RJ. 2001.
- _____. et al. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Rede de Informação Tecnologia Latino Americana – RITLA. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2009.
- ALMEIDA, L.R & PLACCO, V. M. N. de S. **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança**. Ed. Loyola, São Paulo, Brasil, 2006.
- ARAÚJO, A. & SAKKIS, S. Droga avança sobre o território escolar. Correio Brasiliense. Brasília-DF, 02 set.2012. Caderno cidades.
- ARMONIA, P. L. **Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno**. Resolução CNE/CP 2/2012. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de junho de 2012.
- ASSUMPCÃO, E. M. **Módulo V: Currículo e diversidade cultural** / Eunice Maia Assumpção, Grace Gotelip Cabral, Rossilene Brasil Muniz, Valda Inês Fontenele Pessoa. – Brasília: Universidade de Brasília, 2008.
- CANDAU, V. M.; LUCINDA, M. da C. & N. M. **Escola e Violência**. Rio de Janeiro: DPA, 1999.
- CECCON, C. et al. **Conflitos na escola: modos de transformar: dicas para refletir e exemplos de como lidar**. São Paulo. CECIP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- CHRISPINO, Á. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007.
- CHUEIRI, M. S. F. **Concepções sobre a Avaliação Escolar**. Estudos em Avaliação Educacional, v. 19, n. 39, jan./abr. 2008.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui% C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%20C3%A7ao.htm). Acesso em: 14/07/2012 às 17h00min.

DEBARBIEUX, E. & BLAYA, C. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília, UNESCO, 2002.

ELIAS, M. A. **Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema**. São Paulo. Ática Educadores, 2011.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Verus editora, 2005.

FERNANDES, M. J. da S. **O professor coordenador pedagógico, a articulação do coletivo e as condições de trabalho docente nas escolas públicas estaduais paulistas, afinal, o que resta a essa função**. Ed. Cadernos ANPAE n. 4. Unesp - Campus, São Paulo, 2007.

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. Estudos & Pesquisas Educacionais. São Paulo. 2011.

GEGLIO, P. C. **O trabalho do professor sem o apoio do coordenador pedagógico**. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/comunicacoesRelatos/0438.pdf>. Acesso em 07/05/2012 às 10h00min.

GOMES, N. L & BEAUCHAMP, S. D. PAGEL, Aricélia Ribeiro do Nascimento **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo** Jeanete. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

GONÇALVES, L. A. O. & SPOSITO, M. P. **Iniciativas Públicas de Redução da Violência Escolar no Brasil**. International Conference on Violence in Schools and Public Policies, em Paris Cadernos de Pesquisa, n. 115, março/2002.

GROEBEL, J. **Percepção dos jovens sobre a violência nos meios de comunicação**. Brasília : Cadernos Unesco Brasil, 1998.

HAYECK, C. M. **Refletindo sobre a violência**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I - Número I - Julho de 2009.

HOFFMANN, J. **Avaliação Mito e Desafio - Uma perspectiva construtivista**. 31ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL. **Direitos humanos e mediação de conflitos**. São Paulo: Secretaria Especial de Direitos Humanos-SEDH, 2009.

MARRIEL, L. C. et al. **Violência escolar e autoestima de adolescentes**. Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli – Claves Escola Nacional de Saúde Pública/Instituto Fernandes Figueira/Fiocruz Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006.

MEIRELLES, H. **Formação continuada na escola**. Revista Eletrônica Abril Nova Escola. São Paulo – SP, 2012. Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/ges_Tao-escolar/coordenador-pedagogico/formação-continuada-escola-professores-horario-trabalho-coletivo-aprimoramento-profissional-capacitacao-544829.shtml. Disponível em 26/08/2012. Acesso em às 11h10min.

MELO, N. F.; DIAS, R. C. de J. & JESUS, V. S. **O coordenador pedagógico frente à construção do projeto político-pedagógico da escola**. Observatório de Educação/Capes/Inep. São Cristóvão - SE/Brasil. 2012.

MENDONÇA, R. H.. & MIGUEL, A. M. **Salto para o futuro: Temas contemporâneos em educação**. MEC - Ministério da Educação. Ano XVIII boletim 09 - Junho de 2008.

MÜLLER, F. G. **Competências profissionais do mediador de conflitos familiares**. Florianópolis-PR. 2007.

NUNES, A. O. **Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores**. São Paulo. Contexto, 2011.

PLACCO, V. M. N. DE S. & ALMEIDA, L. R. **O coordenador pedagógico: provocações e possibilidades de atuação**. São Paulo, Edições Loyola, 2012.

PEREIRA, S. M. de S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo. Paulus, 2009.

RIBEIRO, V. M. **Indicadores da qualidade na educação**. São Paulo, Inep-MEC. 2004.

SARKKIS, A. & ARAUJO, S. **Droga avança sobre o território escolar**. Correio Brasiliense, Brasília-DF. 2012.

SCHWEBEL, R. **Antes que aconteça**. São Paulo. Claridade, 2002.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Enfrentamento à Violência**. Superintendencia de educação. Diretoria de programas educacionais. Curitiba- PA. 2008.

SILVA, A. A. et al. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Goiânia: FUNAPE: UFG/Ciar, 2011.

SOUSA, S. M. Zákia L. **A avaliação Institucional: Elementos para discussão**. São Paulo, USP, 1999.

TIBA, I. **Juventude e drogas: anjos caídos**. São Paulo: Interação Editora, 2007.

TRAGTENBERG, M. **Relações de Poder na Escola**. Revista espaço acadêmico, ano I n° 7, Dezembro de 2001. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/007/07trag_escola.htm – Acessado em 26 mar. 2012.

UNICEF, Pnud; Inep-Mec. **Indicadores da qualidade na educação**. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO A – ALUNOS

A seguinte pesquisa tem por meta analisar as consequências que a violência escolar exerce sobre a vida acadêmica dos alunos. É sabido por todos que as drogas e as agressões fazem parte do cotidiano da maioria das escolas. As questões abaixo têm como intuito entender quais os tipos de violência faz parte do cotidiano escolar e qual o impacto que essas agressões têm causado na vida dos estudantes, uma vez relacionadas ao ensino-aprendizagem e ao relacionamento interpessoal com seus pares no interior das instituições de ensino.

1) A presença das drogas no contexto escolar.

Maconha

Cocaína

Crack

Cheirinho de Loló ou Lança Perfume

LSD

Êxtase

Cigarro

Álcool

Outros

(quais)_____

2) Tipos de violência presenciados dentro da escola ou nas proximidades.

Agressão física

Agressão psicológica (Bullying)

Tráfico de drogas

Outros

(Quais)_____

3) Tipos de violência que contribuem para o desinteresse escolar.

Agressão física

Agressão psicológica (Bullying)

Tráfico de drogas

Outros

(Quais)_____

APÊNDICE 2

QUESTIONÁRIO B – PROFESSORES

O seguinte questionário tem por objetivo fazer uma relação entre o trabalho do professor, do aluno e do coordenador pedagógico, e como a violência escolar pode interferir no desenvolvimento do ensino e aprendizagem no ambiente escolar. Quais os agentes desmotivadores para as práticas escolares. Como os professores têm sido apoiados pela coordenação pedagógica e como um ambiente violento pode influenciar na evasão ou na repetência escolar.

1) A violência tem incentivado a evasão escolar?

Sim

Não

De que maneira? Comente sua resposta:

2) O apoio da coordenação pedagógica nos casos de violência escolar.

Sim

Não

De que forma?

3) Dentre os pontos abaixo, quais têm sido os mais desmotivadores às práticas educacionais?

A violência escolar

A falta de ambiente adequado ao trabalho docente

Falta de políticas públicas

Outros

(Quais) _____

APÊNDICE 3

QUESTIONÁRIOS C - COORDENADORES PEDAGÓGICOS

Os questionamentos abaixo têm como propósito analisar a importância do trabalho de mediação da Coordenação Pedagógica e como a sua relação com os alunos e professores podem restaurar o relacionamento entre os pares que fazem parte da comunidade escolar. Com a finalidade de entender qual a função que a CP exerce para diminuir essa violência, interagindo com pais, professores e alunos e utilizando as ferramentas que fazem parte de suas atribuições.

1) Os projetos elaborados pela coordenação pedagógica têm sido suficientes para minimizar a violência escolar?

R.: _____

2) Como a Coordenação Pedagógica tem recebido o apoio dos pais nas situações de violência escolar?

R.: _____

3) Na sua experiência, como o coordenador pedagógico, você acha que a mediação de conflitos funciona? Em caso afirmativo ou negativo, comente.

R.: _____

4) Durante o processo da formação continuada com os educadores, quais temas relacionados à violência escolar têm sido mais retratados pela coordenação pedagógica?

() Bullying

() Drogas

() Gangues e pichações

() Outro(s) (qual

(Quais)? _____